

LUIZ ANTONELLO/
COLETIVO LENTE
CRUA

AS MUDANÇAS COM A NOVA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA BRASILEIRA

PÁGINA 12



“JÁ SE PASSARAM 20 ANOS DESDE O MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS E, A VELHA KOMBI AZUL ESTAVA LÁ, DO JEITO COMO EU ME LEMBRAVA DELA.”

VERENA PELLIS KIRSTEN - SERVIDORA DA FCBLU POR 25 ANOS

65 DA BIBLIOTECA FRITZ MULLER E 40 ANOS DA BIBLIOTECA AMBULANTE

PÁGINAS 10 E 11

“FALAR SOBRE A HISTÓRIA DA ARENA DURANTE O REGIME MILITAR É TAMBÉM REFLETIR A RESPEITO DA CAPACIDADE COM A QUAL O AUTORITARISMO ENTÃO VIGENTE PENETROU EM NOSSA SOCIEDADE NÃO SOMENTE POR MEIO DA REPRESSÃO DAS FORÇAS MILITARES.”

RICARDO DUWE - HISTORIADOR E DOUTORANDO EM HISTÓRIA PELA UFSC NOS TEMPOS DA DITADURA E DO “PARTIDO SIM, SENHOR”

PÁGINA 4

“A REFORMA TRABALHISTA EM APRECIÇÃO [...] HÁ DE SER CONSIDERADA NESSE CONTEXTO MAIS GERAL DE INVESTIDAS EM DIREÇÃO A UMA MAIOR FLEXIBILIDADE DAS RELAÇÕES DETRABALHO.”

HOYEDO NUNES LINS- PROFESSOR DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NOTA INSPIRADA NA REFORMA TRABALHISTA

PÁGINA 12

À BEIRA DE UMA HISTERESE DO DESEMPREGO

No Brasil, a sucessão da queda de popularidade do atual governo, que na última semana de julho revelou estar apenas com 5% de aprovação com conceito bom ou ótimo (IBOPE), demonstra que junto com os ex-presidentes Sarney (1989), com 7%, e a ex-presidente Dilma (2015), com 9%, temos o rol de dirigentes com a mais baixa taxa de credibilidade já registrada na história brasileira. Credibilidade e confiança são elementos que definem qualquer retomada da atividade econômica. Atochado por

uma dominância fiscal sem precedentes, o governo, com baixa credibilidade, aumenta impostos sobre energia – o que aumenta os custos diretos e indiretos sobre a atividade – não apenas sobre derivados de petróleo – por tabela, assim dizendo, mas também afeta as termoeletricas que já anunciaram aumentos de preços para a energia elétrica e que elevarão novamente os preços em geral, isso após uma pequena trégua da inflação nos últimos meses.

Encaramos isso com desânimo, ao concluir que pagaremos novamente a conta de um país travado em si mesmo, pelas suas próprias contradições na armadilha de seu federalismo fiscal e excessos provocados por vários de seus governantes estaduais. À beira de um colapso, temos como exemplo o Estado do Rio de Janeiro, cujos dirigentes atuais e ex-governantes recentes participaram ativamente nas últimas eleições presidenciais de 2014, mas são hoje a vergonha de um descalabro de criminalidade sem precedentes no qual estão metidos.

Os cenários com possíveis novas delações de figuras importantes no centro político, que estão ainda em negociação com a justiça, como o ex-marquês Marcos Valério e ex-deputado federal Eduardo Cunha, indicam que os dias dessa precária estabilidade podem ainda piorar ainda mais até o final desse ano.

Para 2018 – o ano das eleições presidenciais, parece que caminhamos para um extremismo de polarizações cada vez mais antagônico, sinal esse de um desespero exasperado. Uma reforma trabalhista que foi aprovada não criará empregos nesse cenário, isso é uma falácia anunciada. Para alguns, só flexibilizará conflitos diante de determinadas súmulas do Supremo Tribunal Federal e interpretações conflitantes.

Mas diante de mais de 13 milhões de desempregados, após anos consecutivos de crescimento negativo, temos a persistência do desemprego cíclico longo demais, que nos empurrará para uma redução da renda per-capita equivalente ao início dessa década. Amplia-se, nesse cenário tortuoso, a insegurança dos segmentos que já são mais vulneráveis no mercado de trabalho; mulheres, negros, jovens, idosos, trabalhadores com deficiência e migrantes.

Já se configura em função da recessão extensa uma “histerese de desemprego” – uma taxa de desemprego prolongada no tempo que reduz a qualidade da força de trabalho (perda de capacidades) e a atitude perante o trabalho (desencorajamento). Consequentemente, a qualidade do capital humano numa economia que de-

crece quando o desemprego é elevado, afetando em particular os desempregados de longo prazo e os jovens que entram no mercado de trabalho, sem experiências formativas no início da sua vida de trabalho, isso corresponde a uma “desacumulação” de capital humano. Essa “histerese” implica também na perda de habilidade e competências do trabalhador, bem como quando os trabalhadores ficam desempregados, deixam de ser *insiders* (o que estão dentro) e passam a ser *outsiders* (o que estão fora), pelo que deixam de ter influência nos salários e nas negociações para contratações como os *insiders*.

A segmentação do mercado de trabalho, proporcionado pelos “*insiders*” – trabalhadores naquilo em que entende por globalização, a pós modernidade, advinda de inúmeras mudanças que carregam consigo o efeito *in/out* (dentro/fora), quando muitas são as circunstâncias caracterizadas por uma crescente desregulamentação, como é o caso da reforma trabalhista.

Essa “histerese do desemprego” diante das reformas elaboradas em clima de “quase desespero” do calor das votações são propensas a resultar em erros de julgamento no calor dessas disputas e diante de tantos antagonismos febris – isso é uma consequência natural. Infelizmente, diante de tudo isso, não há indicadores no momento que deem garantias de que o ciclo recessivo chegou ao fim.

Além desse tema do desemprego cíclico, o mundo discute a chamada Quarta Revolução Industrial, que inclui desenvolvimentos em campos previamente desarticulados, como a inteligência artificial, a robótica, a nanotecnologia, a impressão em 3D e a biotecnologia, que causarão uma interrupção generalizada, não apenas para os empregos tradicionais, mas também para os mercados de trabalho nos próximos anos, com uma enorme mudança nos conjuntos de habilidades a serem desenvolvidas.

Isso implica aos colegiados de cursos na graduação das universidades estarem constantemente repensando a atualização dos currículos acadêmicos e, ao mesmo tempo, a retenção de estudantes em dificuldades com o financiamento de seus estudos junto

“

Amplia-se, nesse cenário tortuoso, a insegurança dos segmentos que já são mais vulneráveis no mercado de trabalho; mulheres, negros, jovens, idosos, trabalhadores com deficiência e migrantes. Já se configura em função da recessão extensa uma “histerese de desemprego” – uma taxa de desemprego prolongada no tempo que reduz a qualidade da força de trabalho (perda de capacidades) e a atitude perante o trabalho (desencorajamento).



à universidade, bem como enaltecer os significados de cada profissão em mudança, diante de desafios tecnológicos. Tudo isso, diante do ano de 2018, carregado de vieses com influências políticas, ainda temos fator tecnológico concorrencial para debatermos dentro da universidade. Como disse uma vez o Barão de Itararé: “não é triste mudar de ideias; triste é não ter ideias para mudar”.

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** -, **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretor de Cultura e Cuidados com a Saúde:** João Luiz Gurgel Calvet da Silveira (CCS), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Morilo José Rigon Júnior (CCEN), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Leandro Junkes (Betério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista Responsável: Magali Moser - MTB/SC 02353 JP
Luiz Guilherme Antonello (estagiário de Jornalismo)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89030-903

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br



sinsepes



INTERNAS

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO É TEMA DE FORMAÇÃO

O educador popular Emilio Gennari vai conduzir a atividade de formação sobre a História do Movimento Operário, marcada para o dia 18 de agosto, sexta-feira, em Blumenau. O Fórum dos Trabalhadores de Blumenau - que reúne sindicatos de trabalhadores de diferentes categorias, entre eles o SINSEPES - promove a iniciativa. O evento será das 9h às 17h, na ABCelesc Blumenau, Rua Bahia, 2550, bairro Salto.

“Não será uma aula, no sentido clássico. Vamos recuperar a história da classe trabalhadora e nos debruçar sobre os desafios que essa história coloca para nossos dias. Temos uma responsabilidade histórica de continuar as lutas da classe”, antecipa Gennari, por telefone, com a preocupação de atrair todos(as) trabalhadores(as) para a atividade.

É aberto a todos os interessados, desde que tenham algum tipo de envolvimento com movimentos sociais. Para participar, é necessário fazer inscrição até o dia 11 de agosto. O valor da inscrição é de R\$ 30,00, e o contato para realizá-la é com o Gabriel, pelo ftblumenau@gmail.com. No dia, o almoço indicado é no próprio local, a ABCelesc, no valor de R\$ 15,00. As vagas para a formação são limitadas.

ENTRA EM VIGOR REAJUSTE NO RU E CANTINA

Preços do Restaurante Universitário foram alterados devido ao reajuste, que entrou em vigor em 28 de julho. O almoço e jantar, antes por R\$ 7,00, agora possuem o valor de R\$ 7,40. O reajuste é anual e está previsto no contrato de concessão, com a aplicação do Índice de Variação Geral de Preços (IVGP-Blumenau), que no último ano (contando até junho/17) foi à 5,63%.

Além do almoço e janta, alguns itens da cantina também passaram reajuste no preço. Os lanches que fazem parte da “cesta universitária”, definida nos contratos como itens básicos e obrigatórios no cardápio de lanches, sendo eles: água com gás garrafa 500 ml (agora cobrado por R\$ 2,10); água garrafa 500 ml (R\$ 1,90); bolo simples - fatia (R\$ 2,55); café com leite (R\$ 2,10); café preto (R\$ 1,90); chocolate quente 180 ml (R\$ 2,10); misto quente/queijo quente (R\$ 4,65); pão de batata de catupiry (R\$ 2,55); pão de queijo (R\$ 1,70); pastel de carne/frango frito (R\$ 3,15); pão com bolinho e manteiga (R\$ 3,15); salada de frutas

completa (R\$ 5,00); salada de frutas simples (R\$ 3,80); sanduíche natural (R\$ 4,40); x-burger (R\$ 5,70); x-salada (R\$ 6,35); suco natural de frutas ou de polpa 300 ml (R\$ 2,55). Os RU's estão presente nos campi 1 e 2, e funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 22h, e nos sábados, das 7h às 14h. O almoço é servido das 11h às 13h40min, em todos os dias de funcionamento, e o jantar das 18h às 20h30, de segunda à sexta-feira.

LUÍZ ANTONELLO

LUÍZ ANTONELLO



INSCRIÇÕES PARA INTERAÇÃO COMEÇAM DIA 29

Entre os dias 29 de agosto e 01 de setembro ocorrem as inscrições para Interação FURB deste ano, com participação gratuita. Em 29 e 30 de agosto, as inscrições são exclusivas para estudantes do 3º ano do Ensino Médio, mediante senha. As senhas serão entregues pela FURB às escolas da região. Para alunos do 3º ano, a indicação é entrar em contato com a coordenação da sua escola para ter prioridade na escolha das oficinas. Nos dias 31 de agosto e 01 de setembro as inscrições serão para os demais estudantes do Ensino Médio, sem utilização de senhas.

O evento anual ocorre em 27 de setembro, quando alunos do ensino médio têm a oportunidade de conhecer a estrutura da Universidade Regional de Blumenau e, também, de participar das oficinas organizadas pelos cursos de graduação, intercâmbio, cursos de curta duração, auxiliando os estudantes na escolha de qual curso seguir, sanar as dúvidas e apresentá-los as várias possibilidades de atuação dentro de um mesmo curso. Será das 8h às 22h e o local de encontro é na tenda do câmpus 1 da FURB. Os requisitos para inscrição englobam estudantes do 1º, 2º, 3º ano do ensino médio e comunidade em geral. Para se inscrever e consultar a programação acesse furb.br/interacao

SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS SERÁ ENTRE OS DIAS 21 E 25 DE AGOSTO

O curso de Ciências Sociais da FURB promove sua Semana Acadêmica entre os dias 21 e 25 de agosto. A programação conta com palestras, oficinas e uma sessão científica com apresentação de trabalhos acadêmicos. Em destaque para a oficina Etnobotânica das plantas psicoativas, com o professor Pedro Fernandes Leite da Luz, o qual propõe instrumentalizar os acadêmicos com o conhecimento sobre o uso cultural de plantas psicoativas, além de debater sobre o tema. O professor é mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ) e bacharel em Ciências Sociais pelo IFCS/UFRJ, possui ampla experiência na área de ensino e pesquisa, com ênfase em etnologia indígena, etnobotânica, sociologia, educação ambiental e ciências da religião.

Além disso, assuntos como gênero, sexualidade, educação, cinema e direitos humanos também serão pauta da semana. O evento ocorre no Bloco T, Campus 1 da FURB. Para inscrições, informações sobre a programação e ter contato com a organização acesse <https://csoc2017furb.wixsite.com/semana>

INSCRIÇÕES PARA CADASTRO ECONÔMICO VÃO ATÉ DIA 11

As inscrições para o cadastro socioeconômico 2017/2 seguem abertas até o dia 11 de agosto. O cadastro é direcionado àqueles interessados nas bolsas de Estudo Artigo 170, bolsas de Pesquisa Artigo 170 e Crédito Educativo Municipal – CREDUC.

Os requisitos para inscrição estão no edital disponível em furb.br/cse, e também o edital 1.777/SED/2017 (UNIEDU); além disso, é necessário fazer previamente o cadastro no UNIEDU 2017/2; reunir a documentação pedida no edital; fazer o cadastro em www.furb.br/asec/, preenchendo o formulário eletrônico; após isso, marca-se uma data e horário para a entrega dos documentos e entrevista. Mais informações com a Coordenadoria de Assuntos Estudantis (CAE), pelo e-mail cae@furb.br ou diretamente na Praça de Atendimento ao Estudante, no Campus 1, de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h30min, ou pelo (47) 3321 0307.

NOS TEMPOS DA DITADURA E DO PARTIDO DO SIM, SENHOR!

Falar sobre a história da ARENA durante o regime militar é também refletir a respeito da capacidade com a qual o autoritarismo então vigente penetrou em nossa sociedade não somente por meio da repressão das forças militares

POR RICARDO DUWE

Doutorando no curso de Pós-Graduação em História da UFSC, Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2016) e Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013) < ricardoduwe@gmail.com >

Caso questionados, quantos brasileiros teriam conhecimento de que políticos ainda atuantes no cenário nacional como Paulo Salim Maluf, José Sarney, Fernando Collor de Mello e Esperidião Amin apoiaram a ditadura militar brasileira por meio do então partido do governo, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA)? E quantos catarinenses saberiam afirmar que nomes como Colombo Salles, Ivo Silveira, Irineu Bornhausen, e Aderbal Ramos da Silva, que usualmente são homenageados em pontes, avenidas, colégios e até estádios de futebol, foram políticos locais da ARENA que apoiaram o golpe de 1964 e legitimaram a ditadura subsequente? E os habitantes do Vale do Itajaí, estão devidamente cientes que empresários locais como Ingo Hering, Carlos Curt Zadrozny e Bernardo Wolfgang Werner também eram filiados à ARENA? Estas perguntas são fundamentais para demonstrar o quanto a arquitetura social da ditadura militar brasileira era complexa e o apoio de elites políticas e econômicas ao regime deveras necessário para a sua manutenção por longos 21 anos.

Falar sobre a história da ARENA durante o regime militar é também refletir a respeito da capacidade com a qual o autoritarismo então vigente penetrou em nossa sociedade não somente por meio da repressão das forças militares, mas também a partir das relações político-partidárias. O bipartidarismo - sistema político do período militar - foi repleto de contradições: a restrição do sistema partidário à somente dois partidos; cassação dos direitos políticos de várias lideranças consideradas indesejáveis pelo regime; impossibilidade de se votar para presidente, governador do estado e prefeitos de capitais; bem como o fechamento do Congresso em tempos de tensão política, como em 1968 e 1977. Deste modo, mecanismos institucionais de participação política estiveram suscetíveis à diversas restrições por meio de legislações e pressões políticas que favoreciam o partido governista e impediam tentativas de radicalização do partido de oposição - o Movimento Democrático Brasileiro - sendo comum a referência ao mesmo como oposição consentida. Logo, uma piada tornou-se muito comum durante o período de existência do MDB e da ARENA, a de que o primeiro seria o partido do Sim!, enquanto o segundo seria o do Sim, senhor! Ou

seja, ambos acabavam por se curvar aos desígnios dos militares, porém, a ARENA o fazia com maior serventia.

Entretanto, as marcas que a ARENA deixou em nossa sociedade não podem ser limitadas à atuação de seus membros na esfera da política institucional. O domínio do partido também estendeu-se ao controle dos meios de comunicação. No caso da ARENA catarinense podemos citar uma série de exemplos. Durante os anos de 1975 e 1979, o Governo Federal realizou a concessão de 22 emissoras de rádio e cinco de televisão para Santa Catarina, as quais foram distribuídas entre 20 contemplados - todos estes membros da ARENA.

As duas maiores lideranças do partido - as família Ramos e Konder-Bornhausen - também eram donas de grande parte das rádios e jornais locais, entre elas a Rádio Guarujá e o jornal O Estado (sob a influência direta dos Ramos) e a Rádio Diário da Manhã e o Jornal de Santa Catarina (sob a influência direta dos Konder-Bornhausen). Assim, não obstante, as relações e os limites entre as esferas políticas, econômicas e da mídia demonstravam-se confusas. O caso do empresário Ingo Hering parece ser um bom exemplo deste paradigma. Diretor-presidente da Cia. Hering, ex-vereador pela ARENA e entusiasta do regime ditatorial, a partir do ano de 1976 o mesmo passou a ter coluna cativa no Jornal de Santa Catarina, espaço este que utilizou para: criticar as pautas da oposição do MDB, enaltecer as políticas econômicas do regime e frequentemente atacar teses e intelectuais marxistas.

Em grande medida, parece ser razoável afirmar que desde o fim do regime militar a sociedade brasileira não promoveu reflexões profundas a respeito da experiência de 21 anos de ditadura militar - com a exceção do mérito de iniciativas como o projeto Brasil: nunca mais e a Comissão Nacional da Verdade. Apesar das conquistas sociais de nosso processo de redemocratização, o mesmo também teve como característica um tom muitíssimo mais conciliatório entre governo e oposição do que de ruptura com o passado. O próprio fato de José Sarney - o último presidente do Diretório Nacional da ARENA - ter sido o primeiro presidente do período democrático parece ser um indício de que requintes de autoritarismo não encontram-se ausentes da Nova República. No nosso presente, a permanência de ex-arenistas no campo político nacional e de parlamentares que publicamente exaltam o período ditatorial e suas violências aos direitos humanos também fornecem indícios de que não nos afastamos tanto da ditadura quanto talvez gostaríamos. O golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff contou com a colaboração destes referidos atores sociais que legitimaram seus votos a favor do impeachment sob o critério de serem a favor de Deus, da família e do Brasil. Temas típicos de uma campanha arenista. Assim, a conjuntura atual parece ter revivido o fantasma da ARENA - isto é, se é que um dia ele esteve morto.



Encontro entre o então presidente-general Castelo Branco com empresários locais membros da ARENA: Ingo Hering, o prefeito Carlos Curt Zadrozny e Jorge Buchler, dono da Cia. Garcia.



O então futuro governador indicado Jorge Bornhausen (1979-1982) e o futuro presidente-geral indicado João Baptista Figueiredo (1979-1985) em um palanque na Cia. Hering nas eleições de 1978.

Falando ao público e operários da Cia. Hering: "Santa Catarina tem fé e esperança no País".

“

Desde o fim do regime militar, a sociedade brasileira não promoveu reflexões profundas a respeito da experiência de 21 anos de ditadura militar - com a exceção do mérito de iniciativas como o projeto Brasil: nunca mais e a Comissão Nacional da Verdade. Apesar das conquistas sociais de nosso processo de redemocratização, o mesmo também teve como característica um tom muitíssimo mais conciliatório entre governo e oposição do que de ruptura com o passado.

CORPOS MARCADOS

Interferindo em realidades: relato de experiência com arte-educação em uma unidade socioeducativa para menores infratores na região do Vale do Itajaí

LUIZ ALBERTO PEREIRA

Bacharel em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) FURB (2010) e licenciado em Artes Visuais pelo PARFOR/FURB (2016).
<albertopereira2012@bol.com.br>

- Essa é a nossa realidade, Jow! É a real... Tá ligado? É o que 'nós' vive! - disse um dos internos que cumpria medida socioeducativa em uma unidade para menores infratores na região do Vale do Itajaí, quando o questionei a respeito de uma tatuagem em sua canela cuja representação era um palhaço com expressão triste, debulhava-se em lágrimas. - Pode até ser a tua realidade agora, neste momento, mas não precisa ser o teu ponto final! - respondi rapidamente, surpreso com minhas próprias palavras. Esse foi meu primeiro diálogo com os chamados "menores infratores".

Fevereiro de 2017. Estávamos em um espaço externo todo concretado, que serve como área de esportes. Os muros ao redor eram altos, passando do telhado, com arames farpados na parte superior, para evitar possíveis fugas. Passava das dez horas da manhã. O calor era quase insuportável. Os rapazes usavam apenas calção de uniforme alaranjado e chinelo de dedo. Estavam juntos formando um círculo em uma pequena quadra de esporte coberta com zinco. A maioria estava sem camisa. Quase todos tinham seus corpos marcados por tatuagens. Observei os desenhos e percebi que alguns eram figurativos, outros apresentavam dizeres como "Deus é +" ou nomes próprios. Porém, todas eram claramente feitas por alguém não profissional.

Formado em Artes Visuais, pensei em trabalhar com pintura muralista inspirado na obra do artista mexicano Diego Rivera, que trata de temas de cunho social e queria muito ver como funcionava a dinâmica entre os agentes e os demais funcionários da unidade em relação aos menores ali abrigados pela Lei.

No primeiro dia que entrei no local, fui impactado ao ver jovens tão novos, sendo levados de uma sala para outra, algemados nas mãos e nos tornozelos. O prédio lembra muito as escolas da rede estadual de ensino onde trabalhei como professor de artes aqui na região. O ambiente era limpo, mas os espaços eram pequenos, mal divididos, fechados e com pouca ou nenhuma luz natural.

Os internos ficam em quartos sozinhos ou em duplas durante o período de detenção. As janelas têm estreitas grades de concreto pintadas de verde e podem ser fechadas por veneziana da mesma cor. Eles dormem em beliches feitos de concreto e há uma pia para higienização em cada quarto. Há portas de aço que ficam trancadas o tempo todo e os rapazes só saem dali quando acompanhados de um ou mais agentes.

Nas minhas primeiras visitas, identifiquei uma sala minúscula que servia para atendimento psicológico dos menores, atendimento aos pais, etc. E que servia também, como depósito de arquivos e biblioteca (com uma prateleira com livros e revistas de vários gêneros doados à instituição).

Através de fotografias nas redes sociais do abrigo e até em um cronograma de atividades diárias exposto no hall de entrada, pude perceber que há uma rotina pautada no sentido de não deixar os jovens ociosos. Exames médicos, aulas semanais ministradas por professores do EJA em uma pequena sala de aula montada no local, visita de familiares, esporte, hora para assistir TV e oficinas de origami (dada por uma voluntária) e até dia para visita de igrejas. Segundo a coordenação, é comum que voluntários comecem algum tipo de trabalho, como aulas de violão, por exemplo, e não continue sem muitas justificativas.

Comecei as oficinas com a leitura de um livro infanto-juvenil chamado "Pequena coisa gigantesca", de Beatrice Alemagna, (cujo tema é felicidade) e propus, após uma roda de conversa, que eles se expressassem através de desenhos e partilhassem qual era o sentido da palavra felicidade para eles. A ideia era utilizar o desenho de todos eles como base para o esboço de um desenho único que tivesse inspiração nas ideias e sentimentos de todos os rapazes do grupo.

Após a leitura do texto e uma breve roda de conversa a respeito do tema sugerido, procurei não interferir nos trabalhos dos rapazes. Cada um se propôs a fazer os seus desenhos, sem me fazer muitas perguntas, apenas trocavam impressões entre si e, algumas vezes, até com os agentes ali presentes. A faixa de idade dos rapazes era entre 15 e 17 anos.

Identifiquei na maioria dos desenhos produzidos a imagem do palhaço (associados ao roubo e morte de policiais), circo pegando fogo, armas brancas e armas de fogo, grades, representações da folha da maçã e dizeres que incitavam a violência. Reparei na presença dos números referentes a crimes cometidos por alguns deles, de acordo com o Código Penal Brasileiro, como: 157 (assalto a mão armada) e 121 (assassinato). Mas também recebi desenhos com imagens que remetiam a paisagens, casas, mar, sol, rede, vida ao ar livre e às palavras: saudade, liberdade, paz e até Deus.

Na semana seguinte, levei um esboço de uma ideia para a pintura. Com a aprovação de todos, iniciamos o trabalho de pintura. Tentei

deixá-los o mais à vontade possível no manuseio do material e nas escolhas das cores. Apenas os orientava no uso dos pinceis e na maneira de pintar as figuras já gravadas na parede.

Nesses momentos, quando todos pareciam descontraídos, ora envolvidos com a pintura, ora conversando, pude ouvir as histórias pessoais da maioria deles. Havia ali um menor que já era pai de um menino de poucos meses. O bebê nasceu com o pai já na detenção. Havia também um garoto que matou um homem com ajuda do padrasto para defender a honra de sua mãe. Suspeita-se que o garoto assumiu toda a culpa para que o padrasto não fosse preso. Um dos jovens tentou matar um policial em perseguição de carro por causa de drogas. O rapaz da tatuagem do palhaço triste na perna se escondeu certa noite dentro de uma churrasqueira em prédio em construção para escapar da perseguição da polícia. Motivo: tráfico. Conheci também garoto muito educado que, antes de ir para a unidade, vivia em um abrigo. Ele foi tirado da família. Não descobri o motivo. Os pais eram separados. Foi preso por roubo de carro junto com outro rapaz que era maior de idade. O mais velho foi para a para um presídio na região.

É por fim, em minha opinião, uma das histórias mais marcantes. Um dos garotos (o que mais se dedicou às oficinas, sempre educado, quase não falava e tinha muita autonomia na pintura e no desenho) estava preso porque matou um homem com golpes de paralelepípedo na cabeça depois de uma grave discussão. (Também não consegui descobrir o motivo da briga). Soube dessa história por um dos agentes. Não consegui continuar ouvindo seu relato a respeito do crime cometido pelo menor. Ele tinha apenas 17 anos.

De modo geral, fui muito bem recebido pelos garotos. Todos eles. E de certa forma, por boa parte dos agentes. Salvo um ou outro comentário irônico a respeito da minha presença no local. Já os rapazes sempre vinham me cumprimentar e apertar minha mão ao final de cada encontro. Recebi agradecimentos. E o que me deixou mais surpreso: recebi até mesmo pedidos de oração.

Lembro agora de duas frases que apareceram em alguns dos trabalhos dos rapazes e que eles gostavam bastante. "Viajo num navio cheio de grades a procura de uma ilha chamada liberdade" e "Quem fez as grades não sabe da dor da saudade". A escrita e o desenho (a arte de modo geral) parecem proporcionar a esses rapazes, de certa forma, uma espécie de local secreto em suas consciências onde não existem muros ou prisões. Vi um breve brilho em seus olhos quando me mostraram orgulhosos de alguns de seus trabalhos e quando compartilharam com os demais do grupo suas frases e seus pensamentos poéticos. Pensando naquelas frases, eu me lembro de um verso de Fernando Pessoa que diz assim: "Não tenho ambições nem desejos. Ser poeta não é uma ambição minha. É a minha maneira de estar sozinho". Queria que fosse uma verdade que esses garotos não estão sozinhos no mundo. E, principalmente, que eles soubessem disso. Queria muito ver várias mãos estendidas, dispostas a realmente ajudá-los. E queria mais ainda que eles aceitassem essas mãos estendidas. Acredito, como disse no início deste artigo, que a condição que esses garotos vivem não precisa lhes definir o futuro. Mas quem se dispõe a, minimamente, interferir na realidade dessa geração que está por trás das grades?



ARQUIVO DO AUTOR

“

No primeiro dia que entrei no local, fui impactado ao ver jovens tão novos, sendo levados de uma sala para outra, algemados nas mãos e nos tornozelos. O prédio lembra muito as escolas da rede estadual de ensino onde trabalhei como professor de artes aqui na região.

“ATRIBUIR A CULPA À VÍTIMA CLARA DAS RELAÇÕES

Casos de violência contra estudantes de universidades brasileiras exigem mudanças de

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

A violência contra a mulher no ambiente universitário revela-se um problema invisível. O baixo número de denúncias e, em consequência, de punições, são desafios a serem superados. A pesquisa *Violência contra a Mulher no Ambiente Universitário*, realizada em 2015 pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular, denunciou que, 25% das estudantes universitárias já foram xingadas ou agredidas por terem rejeitado uma investida nas dependências da universidade ou em festas acadêmicas, competições e trotes.

Dos 1823 universitários brasileiros (de ambos os sexos) entrevistados pela pesquisa do Instituto Avon, 46% conhecem casos de alunas que sofreram violência sexual em festas, competições, trotes e nas dependências da universidade – 28% das mulheres foram vítimas desse

Expressão Universitária - Considerando os alarmantes casos de assédio sexual no meio acadêmico, há uma compreensão por parte dos gestores nas universidades de que o assunto deve ser tratado como uma preocupação urgente?

Ivonete Pereira - Não! Primeiro porque os gestores das universidades não concebem esses casos como um dado alarmante da prática cotidiana no espaço acadêmico. Segundo porque, mesmo sabendo dos casos de assédio sexual, a cultura machista (que também impera no meio acadêmico) relativiza a importância desses casos, tornando-os questões de menor importância e de preferência invisíveis; o que, claro, justifica a negligência dos gestores que somente tomam alguma atitude depois de muitas denúncias e do conhecimento público.

Expressão - Saberiam dizer o que está sendo feito nas universidades com relação aos casos de assédio sexual no ambiente acadêmico?

Ivonete - Infelizmente, por parte dos gestores e Conselhos Universitários não existe uma política de conscientização, esclarecimento e atendimento às vítimas do Assédio, o que existem de fato no inteiro das universidades, muito particularmente nas Universidades Públicas, são iniciativas pontuais de Grupos de Pesquisas (Professores/as e acadêmicos/as) e Coletivos Feministas que, por meio da pesquisa e extensão, organizam mesas redondas, palestras, mini-cursos e oficinas que visam, não apenas atender a uma demanda de esclarecimento, conscientização e prevenção, mas também de denúncias; tanto de casos de assédios já ocorridos, quanto da negligência dos gestores, que em nome do cuidado com a imagem da instituição e do corporativismo (no caso dos docentes acusados), prefere ignorar e/ou “abafar” os acontecimentos, tornando invisíveis os casos ocorridos, do que de fato tomar alguma atitude em relação ao agressor, que geralmente segue impune.

Tania Mara Cruz - A USP, onde fiz meu doutorado e pós-doc, tem construído uma política em relação a isso. Possui disciplinas sobre relações de gênero em alguns cursos e tem produzido materiais midiáticos para essa discussão. Inclusive na POLI (Escola Politécnica), um lugar que é ainda predominantemente masculino, as estudantes dos Centros Acadêmicos têm produzido vídeos especificamente sobre o assédio. Na UNISUL/SC, onde sou professora do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, ministro disciplinas nas licenciaturas e na pós sobre a importância de se tratar da questão de gênero e feminista nos espaços educativos. Temos ainda o Grupo de Pesquisa em Educação, Infância e Gênero – GEDIG. Apesar da universidade ainda não ter uma ação explícita contra o assédio, temos a figura da assistência pedagógica, que inclui atender alunas também sobre essa questão. Eu mesma, quando fui assistente pedagógica em período anterior, acompanhei dois casos, ouvimos ambos os lados, advertimos os professores, remanejamos alocações (outros professores) para a disciplina com o cuidado para que as alunas pudessem continuar os estudos sem que tivessem que ter qualquer proximidade com esses professores que, conforme nosso acompanhamento na época, não mais praticaram tais atos.

Expressão - Quais medidas, na sua avaliação, seriam mais eficazes no combate aos casos de assédio na universidade?

Ivonete - Primeiro, entendo que em todas as Instituições, principalmente de ensino, devam existir políticas de prevenção, que passam

tipo de violência, das quais 11% sofreram tentativa de abuso quando estavam sob o efeito de álcool.

Assédio sexual seria a pauta de um dos encontros da programação do *Universidade Aberta*, anunciado pela FURB para ocorrer em 28 de junho. A universidade, no entanto, cancelou o evento em função da indisponibilidade das palestrantes convidadas. As professoras e historiadoras Ivonete Pereira, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Tania Mara Cruz, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) que viriam ao encontro, aceitaram conceder entrevista ao *Expressão Universitária*. Por email, elas trataram do delicado tema, enfatizando a necessidade de adoção de medidas mais rígidas para evitar os casos.

inicialmente por um processo de esclarecimentos sobre temáticas como gênero, machismo, violência de gênero, violência doméstica, diversidade, sexualidade, direitos igualitários, racismo, preconceito, homofobia, gordofobia, entre outros. Paralelo ao debate constante destas temáticas, que visam entre outras coisas, à prevenção da violência de gênero, mais precisamente a violência sexual, quer seja o estupro, quer seja o assédio; é importante que as Universidades destinem um órgão/ local específico para receber essas denúncias, com profissionais capacitados e qualificados para lidarem com tais situações. É fundamental, ainda, que as Universidades tenham em seus códigos disciplinares penas previstas para os casos de assédio e que para além de divulgado o teor do código, quando necessário, de fato, seja aplicada a pena prevista no interior da Instituição e que para além disto, a própria Universidade assegure à agredida todo o apoio e acompanhamento, tanto médico, quanto jurídico ao levar o agressor à justiça comum.

Tania - Creio ser importante realizar as medidas “no final da linha”, ou seja, denúncias e punições aos culpados e divulgação de pessoas a quem essas alunas podem recorrer, mas penso ser necessário realizar na universidade cursos de formação para professores e alunos, ações que ainda são tímidas, a meu ver. Palestras são insuficientes, porque não se ouve o senso comum, não se pode problematizar... Curiosamente, pela minha experiência de formadora feminista realizada junto com estudantes universitárias na minha universidade e em outras, não é só na área de exatas que ocorre uma predominância de assédio, mas também na área de Direito. A participação das estudantes em Centros Acadêmicos discutindo temáticas feministas é fundamental para impor respeito e trabalhar os aspectos culturais nas relações de gênero.

Expressão - Atribuir a responsabilidade à vítima tem sido uma postura comum com relação aos encaminhamentos aos casos de assédio sexual. Por que isso ainda ocorre?

Ivonete - Isso é fruto da cultura machista, que é reproduzida pela sociedade e difundida entre as gerações. Essa cultura prega a suposta superioridade do homem sobre a mulher, impondo regras de comportamento e atribuindo-lhes um papel social de convívio no âmbito doméstico/privado, discriminando todas as mulheres que se opõem a todos esses preceitos. Essa cultura oprime mulheres e naturaliza a violência de gênero. Mulheres que não se comportam conforme os padrões da cultura machista são alvos do preconceito de gênero, sendo acusadas da própria violência sofrida e pelos motivos mais pífios e superficiais, como o tipo de roupa que vestem, a cor do batom que usam, a maneira de andar e o tipo de companhia ou falta dela.

Tania - Atribuir a culpa à vítima é uma manifestação clara das relações de poder e o mesmo se diz de indígenas, negros/negras e homossexuais em geral: se recusar a “ficar no seu lugar”, ou “agir conforme a moral dominante, determinada pelo opressor”, incomoda. Por que as/os indígenas não se aculturam com os brancos e desistem de suas terras? Por que negros/as insistem em ocupar espaços tradicionalmente brancos? Por que gays, lésbicas e transexuais não permanecem camuflados? Enfim, por que as mulheres insistem em ser donas de seus corpos e desejos? A cultura alimenta isso no cotidiano de todos os espaços de formação que por sua vez se reflete na falta de punição no final da linha. Temos o convencimento e a coerção contra as vítimas...

Expressão - Qual o melhor caminho para denunciar?

Ivonete - No interior das Universidades nos órgãos colegiados (coordenação de curso, coordenação de centro, coordenação de campus e conselho universitário). Além de denunciar no interior da universidade, a agredida deve denunciar em algum órgão de atendimento público, como Delegacia da Mulher, Polícia Civil, Polícia Mi-



As professoras Ivonete Pereira (1), da Unioeste, e Tania Mara Cruz (2), da Unisul, seriam as convidadas do *universidade aberta*, em junho, quando a pauta era assédio na universidade.

“

Mesmo sabendo dos casos de assédio sexual, a cultura machista (que também impera no meio acadêmico) relativiza a importância desses casos, tornando-os questões de menor importância e de preferência invisíveis; o que, claro, justifica a negligência dos gestores que somente tomam alguma atitude depois de muitas denúncias e do conhecimento público.

MA É UMA MANIFESTAÇÃO ÇÕES DE PODER”

posturas, avaliam professoras. Romper o receio da denúncia ainda é um desafio.

litar, Promotoria Pública (na ausência de um, se dirigir ao outro) e ainda pode denunciar no Ligue 180, onde terá um atendimento certo e eficaz.

Expressão - Podemos afirmar que o histórico como as universidades lidam com esses casos não estimula as denúncias?

Ivonete - Certamente que a pouca importância dada à gravidade do problema nas universidades e a tentativa de silenciamento dos casos influencia diretamente na não realização da denúncia por parte de muitas mulheres, por conta do entendimento de que a denúncia não será tratada com a devida seriedade, correndo ela, a agredida, o risco de sofrer represálias por parte de seu agressor e da própria instituição. É comum a mídia noticiar casos de estupro e/ou assédio nas comunidades acadêmicas, sendo que, na maioria das vezes, o agressor sai impune ou recebe uma pena branda, continuando ele na convivência com a agredida, intimidando-a ou punindo pela denúncia feita.

Expressão - O que caracteriza o assédio sexual? Como ele se define?

Ivonete - O assédio sexual é uma das formas de violência de gênero que, segundo o art. 216-A do Código Penal, é caracterizado como “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico”. Há, portanto, uma relação de poder nessa violência, em que o agressor se aproveita da (suposta) condição de vulnerabilidade de sua vítima para obter favores sexuais, físicos ou verbais, sem o requerimento ou consentimento dela, provocando grande constrangimento e ofensa à agredida. Vale ressaltar que, não necessariamente precisa existir uma relação de poder explícita, embora estes casos sejam os mais comuns. Contudo, há casos de assédio entre conhecidos e/ou desconhecidos, que podem ocorrer em diversos e diferentes espaços tanto no interior de qualquer instituição e local, quanto nas ruas. A não presença da hierarquia (chefe ou professor, por exemplo) não deve desqualificar tal ato ou fazê-lo parecer de menor importância, pois tais casos ainda continuam sendo assédio, que ocorrem justamente nas relações de gênero, em que o homem (conhecido ou não) se julga superior a mulher agredida.

Expressão - Por que parte das vítimas prefere ainda o silêncio?

Ivonete - Elas não preferem o silêncio, há um entendimento muito forte no senso comum de que as mulheres que não denunciam, gostam de sofrer violência. Isto não é verdade e não tem nenhum fundamento lógico! Ninguém gosta de sofrer qualquer tipo de violência; ninguém gosta de sofrer. As mulheres não denunciam porque estão presas em um ciclo de violência, e este ciclo tem diversas interfaces, como presença da dependência emocional, o medo, ou por acharem que a denúncia será um constrangimento, uma exposição que acarretará mais prejuízo a elas do que a punição ao seu agressor. A decisão sobre a denúncia é muito pessoal e infelizmente essa decisão é desencorajada pela negligência das autoridades (universitárias, policiais e jurídicas) na punição de seus agressores; pela possível culpabilização delas e da estigmatização que sofrerão após a denúncia. Porém, enfatizo que é importante fazer a denúncia para coibir essas práticas, uma vez que estamos vivendo tempos em que essa cultura machista está sendo posta em xeque e a sociedade está se abrindo para compreender as discussões que vêm sendo travadas. As delegacias especializadas de atendimento às mulheres vêm sendo cada vez mais e melhor preparadas para atender esses casos, através da capacitação dos profissionais que lá atuam e na adoção de medidas que contribuem para a proteção das agredidas. Ainda há muito a ser feito, mas avanços têm sido conquistados e as denúncias colaboram para isso.

Tania - Não raro, a própria vítima incorpora o discurso do opressor e se vê culpada de algum modo por aquela situação; é necessária uma extrema confiança para que te procurem e façam uma denúncia porque a vítima está muito fragilizada e essa relação tem que ser construída antes, com mecanismos de apoio institucional (setores específicos e bem formados) ou de organizações feministas. Mas também tem o medo – o que acontecerá depois? Como sua família e amigos reagirão? E no caso da estudante universitária: quais as garantias de continuidade dos estudos sem perseguição? Será ainda aluna do assediador? Circulará nos mesmos espaços que o assediador? Como os outros a tratarão após tal denúncia, já que há uma rede social e profissional em torno do ensino superior? Não se pode desconsiderar estas questões.

Expressão - Como avaliam as punições e as responsabilizações aos agressores?

Ivonete - Seja por negligência dos gestores das instituições e/ou falta de conscientização da comunidade acadêmica, a universidade parece ser um espaço onde as mulheres estão expostas a qualquer

tipo de violência de gênero. Pouco tem se avançado em relação às penas, o que está intimamente ligado ao silenciamento dos casos, a culpabilização das mulheres e o pouco reconhecimento do assédio como uma violência tão séria e grave como qualquer outra violência (como a física, por exemplo), o que faz com que os agressores fiquem impunes ou recebam penas brandas, continuando na convivência com as agredidas, repetindo a agressão, ou cometendo novas agressões contra ela, bem como fazendo novas vítimas.

Expressão - Quais são as formas de assédio sexual e violências contra a mulher mais comuns na universidade?

Ivonete - As indiretas, insinuações e cantadas são as mais comuns, muitas dessas formas de violência avançam para tentativas de aproximação e apelo sexual que se caracterizam por passadas de mão a beijos forçados. Quando os agressores são repreendidos e rejeitados, as mulheres tendem a sofrer novas formas de violência, desde violência física, moral e psicológica, à desqualificação intelectual e, no ápice, a violência sexual, que teve o seu início lá no toque sem consentimento, terminando no estupro.

Expressão - Considerando o meio universitário, como espaço mais elevado da educação e ciência, onde se deveria ter garantido um ambiente de vanguarda à frente da sociedade patriarcal, como analisam a prática do assédio sexual nesses espaços?

Ivonete - Primeiro qualquer tipo de prática de violência deve ser inconcebível em qualquer âmbito e espaço, segundo, deve-se ter garantido e efetivado o combate da lógica e das práticas patriarcais no cerne da sociedade e não só no espaço da ciência e educação, neste caso nos espaços universitários, afinal, a sociedade no geral, através das diferentes relações sociais e culturais também se configura como um espaço de produção e reprodução de conhecimentos e práticas. Por outro lado, como o próprio enunciado da questão declara, a universidade deveria, de fato, ser um local que garante a segurança de sua comunidade, incluindo, claro, o público feminino. Em tese, este deveria ser um local de convívio entre pessoas bem instruídas e esclarecidas, que é o comportamento que se espera de seu público. Em vista disso, a prática do assédio sexual nesses espaços é inconcebível. Qual o tipo de futuro que a sociedade espera de futuros profissionais, bacharéis e licenciados, que não conseguem respeitar nem a si mesmos? A sociedade nada mais é do que o reflexo de sua própria educação.

Tania - A universidade enfrenta as mesmas contradições presentes nos outros espaços sociais. Não é a escolarização ou conhecimento científico que determina superação das desigualdades e diferenças; as questões de gênero envolvem elementos da construção afetiva e cultural dos sujeitos e não deve ser tratada, portanto, como uma questão cognitiva ou de mais conhecimento; cabe colocar na pauta a reflexão sobre as relações de poder, de classe, de construção da subjetividade de homens e mulheres, de masculinidades e feminilidades, na nossa cultura e em outras. Mas isso só se dá na medida em que as mulheres, protagonistas da luta contra o assédio, assumirem essa bandeira e desmascararem a hipocrisia sobre as relações amorosas e sexuais presente em nossa sociedade.

Expressão - Como avaliam a criação de Coletivos feministas criados para acolher as vítimas e tirar os casos da invisibilidade?

Ivonete - É uma importante e necessária iniciativa. São ações positivas que visam o acolhimento e o engajamento político-social entre mulheres que cultivam, dentre outros, o objetivo comum de lutar contra a desigualdade de gênero. Não só amparam as mulheres agredidas, como também empoderam-nas para fazer frente às diferentes formas de violência. É a personificação do conceito de sororidade. Para além disto, esses Coletivos surgem para exigir providências dos gestores para a coibição dos diversos tipos de violência, criando junto às defesas já existentes, mecanismos de resistência e proteção às mulheres, assumindo um papel central na luta e permanência de melhores condições às mulheres, bem como, um lugar livre de violência.

Tania - Denunciar os casos é fundamental, mas se esses mesmos coletivos não implementarem ações de formação feminista para homens e mulheres, a mudança será aparente. A punição é necessária mas é circunstancial, tornar uma sociedade cada vez mais punitiva não nos levará, por si só, à uma sociedade em igualdade de condições para homens e mulheres.

“

Denunciar os casos é fundamental, mas se esses mesmos coletivos não implementarem ações de formação feminista para homens e mulheres, a mudança será aparente. A punição é necessária mas é circunstancial, tornar uma sociedade cada vez mais punitiva não nos levará, por si só, à uma sociedade em igualdade de condições para homens e mulheres.

30 ANOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS... E AGORA?

Curso inaugurado em 1987 reúne conquistas e centenas de graduados, mas também tem pela frente grandes desafios

POR MAIKO RAFAEL SPIESS

Professor e pesquisador, Formado em Ciências Sociais pela FURB em 2007 <mspiess@furb.br>

1987. O Brasil se afastava do pesadelo da ditadura militar, mas vivia assolado por uma inflação de três dígitos. Os planos Cruzado I e II fracassaram e Sarney suspendia o pagamento dos juros da dívida externa entre fevereiro e novembro. Faroeste Caboclo, da Legião Urbana, era um sucesso inesperado com seus 157 versos e mais de nove minutos de duração. Em Goiânia, ocorre um grave incidente de contaminação radioativa quando catadores de sucata encontram uma cápsula contendo Césio-137 em uma clínica de radiologia abandonada. Os casos de Betinho, Henfil e Chico Mário representavam a face pública do avanço da AIDS. Na União Soviética, a perestroika de Gorbachev avançava com o apoio do Partido Comunista, criando algumas das condições

que desencadearam o fim da experiência do socialismo real. Este era um tempo em que sentidos, significados e práticas sociais mudavam rapidamente.

Neste contexto, em Blumenau, são iniciadas as atividades do curso de Ciências Sociais da FURB, nas modalidades de bacharelado e licenciatura, com a primeira turma ingressando no primeiro semestre daquele ano. Do ponto de vista da história da FURB, a criação do curso de Ciências Sociais (assim como História e Serviço Social) ocorre como parte do processo de seu reconhecimento como universidade. Do ponto de vista da comunidade e dos estudantes, representou um espaço tanto para a compreensão deste cenário dinâmico quanto para a materialização de aspirações individuais e políticas. Em resumo, a criação de um curso de Ciências Sociais -- baseado nas disciplinas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política -- além de ser resultado de uma época, também possibilita a produção de conhecimento sobre ela, participando assim em sua construção.

Desde então muito aconteceu. O Brasil mudou. A região e a cidade mudaram. A FURB mudou. Ocorreram diversas mudanças políticas no país, a região passou por uma importante reestruturação produtiva, práticas sociais se modificaram. Estes e outros eventos foram vivenciados e discutidos por alunos e professores do curso. Nos últimos trinta anos, esta realidade foi o objeto de análise e crítica das Ciências Sociais, algumas vezes com boa aceitação pela comunidade acadêmica, algumas vezes com desconfiança por conta de suas possíveis vinculações ideológicas. De toda forma, o curso de Ciências Sociais formou centenas de alunos e vários deles se tornaram professores do Ensino Médio, professores pesquisadores no Ensino Superior, servidores públicos, políticos e forma-

dores de opinião. Em sua atuação, estudantes e docentes ajudaram a construir um pouco da história da FURB e da região.

No entanto, esta trajetória não é marcada apenas por êxitos. A euforia inicial desapareceu. Os números de alunos ingressantes e de formandos caíram significativamente. O bacharelado não existe mais. A atuação e visibilidade do curso para fora da Universidade enfraqueceram. As práticas se burocratizaram. A relação do curso de Ciências Sociais com o mundo mudou. Por um lado, informação e opinião circulam muito mais rapidamente, a esperança nos governos de esquerda se transformou em decepção e a inclusão pela via do consumo diminuiu a ansiedade por mudanças estruturais na sociedade. Por outro, a comunidade de Ciências Sociais parece ainda não ter interpretado reflexivamente estas mudanças, causando uma dissonância entre a rotina acadêmica e o mundo real.

2017. O país se encontra em meio a uma persistente crise econômica e uma tentativa de drástica reforma do Estado. A agenda política foi tomada pelas investigações e denúncias de corrupção que atingem partidos e políticos de todas as vertentes. Líderes populistas prometem salvação fácil. A Humanidade se vê ameaçada pelo aquecimento global. A pós-verdade, os "fatos alternativos" e a polarização tomaram de assalto a arena pública. Big Data e cibervigilância trazem à tona o medo de uma distopia orwelliana. A economia de compartilhamento, a inteligência artificial, a automação e outras inovações disruptivas prometem alterar de forma significativa a vida em sociedade. Enfim, novos problemas sociais se somam a questões antigas, ainda não resolvidas. Os desafios para o futuro são, portanto, muitos e variados. As Ciências Sociais devem produzir pesquisas e proporcionar discussões para ajudar a compreender esta nova realidade.

Sim, este ano comemoramos os 30 anos do curso de Ciências Sociais na FURB. Todavia, não devemos nos deixar tomar por nostalgia. Afinal, "a vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para a frente". Os atuais estudantes da licenciatura em Ciências Sociais, futuros professores e pesquisadores, iniciam agora suas carreiras e têm, diante de si, um grande desafio: reabilitar a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política como disciplinas científicas relevantes para a compreensão da realidade local e regional. O debate público qualificado, a autonomia individual e as inovações sociais inclusivas se beneficiam enormemente dos conhecimentos sistematizados que as Ciências Sociais podem proporcionar. Porém, para que os jovens licenciandos possam cumprir esta tarefa, cabe à instituição e aos docentes proporcionarem as melhores e mais qualificadas condições de aprendizagem. Cabe aos próprios estudantes o compromisso, esforço, a autonomia em relação a todos tipos de ideologia e a criatividade para compreender, intervir e educar neste mundo em movimento.

É tempo de olhar para frente!

“

Os atuais estudantes da licenciatura em Ciências Sociais, futuros professores e pesquisadores, iniciam agora suas carreiras e têm, diante de si, um grande desafio: reabilitar a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política como disciplinas científicas relevantes para a compreensão da realidade local e regional.

OS DEPOIMENTOS DE EX ALUNOS

"Ingressei no curso de Ciências Sociais da FURB no início da década de 90. Nele tive contato com professores e disciplinas que moldaram minhas escolhas de vida. Nele tive minhas primeiras leituras em Filosofia, Sociologia e Teoria Política, áreas que concentram a minha atenção até hoje. As Ciências Sociais possuem um papel muito importante nas democracias, seja no processo educativo (e portanto na formação do cidadão) ou na formulação de políticas públicas. Creio que o curso de Ciências Sociais da FURB vem exercendo esse papel com responsabilidade e dentro de suas próprias possibilidades. Fico feliz de poder fazer parte da história do curso e de poder participar dessa festa de 30 anos com esta pequena mensagem. Um abraço para todos os professores e alunos que fazem com que a história do curso de Ciências Sociais da FURB continue!"

Cristiano Luis Lenzi – Professor do EACH-USP

"As três décadas do curso de Ciências Sociais da FURB possibilitaram que algumas centenas de estudantes universitários, professores e pesquisadores ampliassem, revessessem e sofisticassem o conhecimento sobre a realidade histórica, política, social e cultural de Blumenau, da região do Vale do Itajaí e do estado. Esta é a principal virtude das ciências sociais em Blumenau. Mesmo distante, profissionalmente, desde a término da graduação, acompanho a trajetória do curso através dos olhos dos colegas que retornaram à casa e fizeram a história do curso. Ainda hoje, pela interlocução constante com esses grandes amigos e amigas, minhas indagações, dúvidas e motivações como pesquisador sempre contêm muito do curso de Ciências Sociais".

Fabricio Ricardo de Limas Tomio - Prof. Associado da UFPR



"O curso de Ciências Sociais da FURB ajudou a despertar aquele "olhar atento" e me fez assumir um compromisso com os temas que afetam à sociedade. Durante a minha trajetória na universidade pude me conectar com docentes e discentes envolvidos com o seu entorno, num ambiente acadêmico provocativo, em termos de discussões teóricas e pragmáticas, que me instigaram e evidenciaram a importância de estabelecer um conhecimento profundo sobre as problemáticas sociais. O fato das bolsas de pesquisas estarem acessíveis e ter professores dispostos a acolher-me em seus projetos, me possibilitou dedicar tempo de qualidade ao ensino, pesquisa e extensão, aproveitando todas as oportunidades que contribuíram e sem dúvidas impactaram na minha formação profissional e, em particular, na forma de ver e estar no mundo. Por isso sou profundamente agradecida pelo curso e tenho muito prazer em sempre revelar de onde vim como parte significativa da minha construção profissional".

Tamajara da Silva - Doutoranda em Antropologia Social na Universidad Nacional de Misiones, Argentina. Bolsista no Programa Internacional de Residência da Kettering Foundation nos Estados Unidos

"Iniciei o Curso de Ciências Sociais da FURB em agosto de 1987 e me formei em 1992. Confesso que Ciências Sociais não foi a minha primeira opção, porque na realidade eu pensava em fazer Serviço Social. Para tanto, procurei informações sobre os dois cursos e como não havia vestibular para Serviço Social no meio do ano naquela época, pensei em entrar e eliminar algumas disciplinas afins. Para minha surpresa, já no primeiro semestre do curso eu me apaixonei pelo conteúdo de algumas disciplinas e sua capacidade de instigar o ser humano ao autoconhecimento e ao conhecimento das estruturas que caracterizam as organizações sociais, culturais, econômicas e políticas da realidade a qual estamos inseridos. Desde então não consigo separar minha vida profissional das questões existenciais que me estimulam a pensar sobre nossos condicionamentos sociais e as possibilidades de mudanças necessárias para que algum dia possamos viver em harmonia considerando nossas diferenças e semelhanças. Somos uma diversidade de culturas, mas uma só humanidade. Meu agradecimento à FURB e aos idealizadores desse curso que me proporcionaram uma profissão aliciante."

Dione Lorena Tinti - Profª Associada da UFPR

"Iniciei Ciências Sociais em 1987, com 17 anos, na primeira turma aberta pela Instituição. Se aprendemos com nossa segunda alma, aquela que transmite vida através do outro, como afirma Machado de Assis no conto "O Espelho", confesso que em 4 anos aprendi a viver sozinha e a realizar alguns combates.

Nossa turma era heterogênea e apesar de alguns serem muito jovens, já observávamos e sentíamos problemas na matriz curricular, na formação e linha teórica de alguns professores e o alto custo das mensalidades, enfim nada diferente de qualquer trajetória de universitários da rede privada de ensino, ou como frisavam na época "uma Instituição pública de direito privado" ou seria o contrário, "privada de direito público", não lembro, a memória nos faz isso, viver com os grânulos das lembranças como diria Drummond.

Criamos o Centro Acadêmico (C.A.C.S) e fomos à luta, seja no departamento ou nos órgãos colegiados superiores, pois nos envolvemos também no DCE principalmente, eu e Fabricio. E nessa luta encontramos professores parceiros que partilhavam de nossas angústias e anseios como: Sálvio Muller, Tadeu Mikcowisky, Valmor Schichet, Suzana Sedrez, Ivo Theis, Miriam Grossi e tantos outros.

Conseguimos mudar nossa matriz curricular, criamos grupos de estudos, festas, casamentos foram desfeitos e novos afetos se entrelaçaram e nos envolvemos numa bonita campanha para reitor. Ah, e realizamos no "peito" a primeira Semana de Ciências Sociais, trazendo para Blumenau Florestan Fernandes.

Muitos colegas não seguiram a profissão, mas tantos outros a seguiram e ainda foram mais adiante, são hoje mestres ou doutores em Antropologia, Sociologia, Ciência Política, História. Seguindo as palavras ou a profecia do prof. Sálvio: Vocês são cientistas sociais!

Não sei como está o curso hoje, depois que me formei voltei para Itajaí, fui fazer mestrado em História na UFRGS e hoje resido em Manaus. Mas, o que posso dizer como professora universitária é que minhas referências estão aí, na FURB, no Curso de Ciências Sociais, nos professores, nos colegas, nos risos, nos abraços, nas aulas, nos textos e livros indicados, nas brigas, nos beijos, na afetividade.

Enfim, somos balzaquianos!"

Cristiane Manique Barreto- Professora do Centro Universitário do Norte e professora da Faculdade Salesiana Dom Bosco



COLMEIA APRESENTA MAIS DE 140 ATRAÇÕES

FOTO: LUIZ ANTONELLO/COLETIVO LENTE CRUA

O mês de agosto começou e com ele já se ouviu zumbidos por aí. Não faz parte da poluição sonora, não! Mas sim, um enxame de abelhas que proporciona cultura e arte a toda a comunidade. Nos dias 26 e 27 de agosto ocorre a 6ª edição do COLMEIA, evento anual que movimentará o Teatro Carlos Gomes com 141 atrações gratuitas durante um fim de semana. No sábado, o evento acontece das 9h às 23h e no domingo das 10h às 22h. O cortejo de abertura sairá da praça Dr. Blumenau (praça dos pombos), da Rua XV de Novembro, e vai até o Teatro Carlos Gomes (Rua XV de Novembro, 1181 - Centro - Blumenau). O COLMEIA é um evento organizado pelo Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas e o Teatro Carlos Gomes, que realizam em conjunto esta ação.

As atrações estarão divididas em 10 grupos de trabalho (GTs): artesanato (com 2 atrações), oficinas (12), visuais (35), cênicas (14), música (36), hip hop (19), literatura (10), dança (7), cinema (6). O evento ainda conta com o GT Mobilidade Urbana, o GT Infância e o GT Comunicação ocupando todos os espaços do Teatro.

Segunda a moderadora do GT Comunicação e integrante do Coletivo, Rafaela Catarina Kinas, a organização do evento COLMEIA é feita a partir da junção de muitas pessoas, artistas, produtores, voluntários e apoiadores. Para ela, esta sexta edição dará atenção aos encontros e reUnões das pessoas. "Queremos ter momentos de respiro, onde o público e os artistas envolvidos tenham tempo para encontros, para contemplar, sentir, refletir e viver e produzir arte, acho que é para esse lugar que repousa a expectativa do coletivo COLMEIA", conta.

Com a primeira edição em 2012, tendo



como um dos idealizadores o artista Clóvis Truppel (in memoriam), o evento COLMEIA é colaborativo, organizado pela classe cultural em conjunto com o Teatro. Na parceria estabelecida, o Teatro Carlos Gomes cede as dependências e a estrutura sem custos e os artistas cedem a sua produção. Desta forma, a comunidade tem acesso ao movimento cultural sem cobrança de ingressos. Além de uma programação cultural intensa, outro destaque na quinta edição é novamente a gestão dos fa-

vos pelos moderadores, líderes-carismáticos que foram surgindo durante as reuniões, e que tomam às frentes dos Grupos de Trabalhos (GT) nas áreas de artesanato, cênicas, cinema, dança, hip hop, literatura, mobilidade urbana, música, oficinas e visuais. Para entender como funciona o movimento leia a Carta COLMEIA (<http://bit.ly/cartacolmeia>). Acompanhe as notícias e as novidades pelo www.facebook.com/coletivocolmeia e pelo coletivocolmeia.com.br/

65 ANOS DE HISTÓRIAS E LEITURAS

As comemorações dos 65 anos da Biblioteca Municipal Fritz Muller e 40 anos da Biblioteca Ambulante no olhar da servidora da FCBlu há 25 anos

POR VERENA PELLIS KIRSTEN

Coordenadora do Projeto Biblioteca Ambulante <emprestimo@fcbu.com.br>

Sempre que abro a página de um livro sou transportada de volta para um mundo mágico. É como se um velho filme voltasse em minha mente e uma terra encantada cheia de cores, cheiros, personagens, reinos e sonhos... me convidasse a fazer parte dela e a descobrir seus segredos e encantos. Este encantamento pela literatura começou em meus tempos de infância, quando meu irmão me mostrava as imagens das enciclopédias que tínhamos em casa. Isso me fascinava e, através daquelas imagens eu viajava para tantos lugares sem sequer sair de casa. Depois vieram as poesias... Ainda me lembro de como meu irmão as lia para mim, pois ainda não sabia ler, e logo em seguida eu as declamava para minha família, tal qual meu irmão havia lido para mim. O tempo se passou e alegria maior não poderia existir no dia em que ganhei meu primeiro livro: um exemplar do Sítio do Pica-Pau Amarelo de Monteiro Lobato. Foi através das histórias, aventuras e peripécias da Emília, Dona Benta, Tia Anastácia, Narizinho, do Pedrinho, Visconde de Sabugosa e tantos outros personagens que tive meu primeiro encontro com o mundo mágico e fascinante

da leitura e literatura. E não parei mais. Posso até afirmar que este livro teve um papel importante no que diz respeito à minha formação como leitora e mediadora de leitura. Anos mais tarde, quando eu frequentava a 5ª série eis que sou apresentada a mais um personagem tão importante em minha vida: uma Kombi azul que em seu interior trazia o maior tesouro que uma criança poderia ter: livros; um universo deles. Uma vez ao mês ela visitava a nossa escola e nós podíamos fazer empréstimos de livros. A cada mês aguardávamos com ansiedade a chegada de nossa mais nova amiga para trocarmos os livros e mergulharmos em mais um mundo repleto de histórias e aventuras. Para muitos, era esta Kombi azul e seus livros, o único contato possível com a leitura e a literatura. Os anos se passaram, eu cresci, me formei e anos mais tarde, quem diria, escreveria mais um capítulo nesta história com a velha Kombi azul que tanto me encantara nos meus tempos de estudante. Quis a vida, o destino, que eu me tornasse uma mediadora de leitura e me presenteou com a maravilhosa missão de levar as escolas, as crianças,

mês após mês aqueles livros que um dia fizeram parte da minha própria história, da minha vida.

Já se passaram 20 anos desde o meu primeiro encontro com as crianças e, a velha Kombi azul estava lá, do jeito como eu me lembrava dela, com suas estantes e seus livros. Os livros... Estes estavam velhos e castigados pelo tempo, mas nada disso importava para as crianças, pois em suas escolas não havia bibliotecas e aquela velha Kombi azul era seu único contato com a magia dos livros. A chegada desta amiga tão especial era aguardada com ansiedade pelas crianças, afinal, ela já visitava suas escolas há tanto tempo. A cada mês este momento tão especial se transformava em uma aventura para estes pequeninos com idade entre 6 e 10 anos, idade esta onde a imaginação é algo tão marcante na vida delas. Um momento de sair da sala de aula, da rotina e explorar o mágico universo da literatura. Algumas eram mais tímidas, talvez um pouco desconfiadas, outras já chegavam ansiosas para contar suas histórias. E não importava se o livro era velho ou se estivesse danificado por anos de uso. O que realmente importava naquele momento era o prazer de estar lá e viver as histórias presente em cada linha do livro.

O tempo foi passando, muita estrada de chão batido, muita poeira e após muitas conversas com as crianças e professoras, percebeu-se que era chegada à hora de algumas

mudanças, necessárias no que dizia respeito à mediação da leitura que acontecia através dos empréstimos dos livros. No ano de 2008, através de um projeto tornou-se possível a troca da Kombi, onde uma nova foi adquirida, além da renovação de todo o acervo da Biblioteca Ambulante. O que já era bom ficou ainda melhor. Cheiro de livros novos além da qualidade literária só fez com que as crianças se sentissem ainda mais especiais. Mas elas queriam mais e surge então a ideia desta mediação tomar um novo rumo através da leitura de histórias. Assim, a cada visita, além do empréstimo de livros, as crianças têm a oportunidade de ouvirem histórias, o que enriquece ainda mais a mediação. Hoje, sei que este momento é parte essencial de minha vida e me sinto como a “Alice” chegando ao País das Maravilhas. Vivo cada momento como se fosse único e mágico. Cada grupo de crianças me traz ensinamentos diferentes, trocamos experiências, e elas ficam maravilhadas como tudo isso. Que outro instrumento senão o livro é capaz de nos proporcionar tais momentos e nos transportar para mundos que jamais imaginávamos conhecer. Este é um momento de reflexão somente meu. Um momento onde posso ser franca com elas. A cada leitura elas ficam mais atentas aos detalhes e vão se tornando mais críticas, capazes de formarem suas próprias opiniões. Não aceitam mais receitas prontas, querem expressar seus sentimentos através de gestos e palavras, ou até mesmo quando o silêncio é capaz de expressar muito mais que mil palavras.

Hoje, além dos meus pequeninos, também atendo um público tão distinto e especial quanto eles: o Ancionato. Entendo que a leitura é fundamental em qualquer idade e o público da terceira idade é tão atento quanto às crianças. O único diferencial é a bagagem de vida, a enorme experiência que cada uma delas traz em suas memórias, histórias e literaturas. É um desafio e tanto: Que texto escolher? Como falar de literatura para quem já viveu tanto? Mas ao chegar ao Ancionato, lá está o meu público; todas sentadas em uma sala a minha espera. O nervosismo, é lógico, toma conta de cada parte de mim. Algumas senhoras me recebem



FOTO: SÉRGIO ANTONELLO

com um imenso sorriso no rosto, outras olham desconfiadas... E para quebrar um pouco o gelo do momento, começo pedindo para que elas me falem sobre suas experiências no que diz respeito a esse contato com o mundo da leitura, suas histórias preferidas, seus gêneros literários e a conversa aos poucos vai fluindo de forma natural, todos acabam deixando sua timidez e desconfiança de lado. Sinto que ali todas tem uma bagagem literária incrível. Dou início a meu momento de leitura com uma das muitas histórias de Pedro Malasartes. Parece que acertei em cheio na escolha do texto, pois percebo seu encantamento em cada olhar e, ao término de mais uma leitura me falam felizes de como é bom ouvir uma bela história. Leio poesias, crônicas e a cada leitura sinto que elas estão mais próximas de mim. Os meses passam e quando me dou conta, lá se foi mais um ano. Agora aquelas mesmas senhoras, antes tímidas e desconfiadas, estão cada vez mais atentas e já trazem seus textos predile-

“

Alegria maior não poderia existir no dia em que ganhei meu primeiro livro: um exemplar do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Foi através das histórias, aventuras e peripécias da Emília, Dona Benta, Tia Anastácia, Narizinho, do Pedrinho, Visconde de Sabugosa e tantos outros personagens, que tive meu primeiro encontro com o mundo mágico e fascinante da leitura e literatura.

tos para serem lidos além de declamarem poesias. Hoje sei e sinto que faço a diferença na vida delas e este momento de leitura transformou-se em um momento prazeroso de troca de experiências e leituras entre mim e elas.

Além destes anos sobre rodas, convidei crianças e adultos a explorarem o mundo da literatura através de leituras e conversas na Biblioteca Municipal. Isto também me trouxe uma nova gama de experiências incríveis. Sinto-me extremamente realizada quando, entre o diversificado público de usuários da biblioteca, atendo grupos que talvez de outra forma jamais teriam acesso a leitura e literatura, como por exemplo pessoas com problemas de depressão. Muitas sequer leram um livro na vida. É reconfortante saber que quando a Hora da Leitura começa, eles são transportados para outro mundo e em sua mente vêm às lembranças

em um mundo tecnológico e, apesar de toda essa tecnologia, fico feliz e realizada quando percebo que a cada leitura as crianças vêem o livro como um amigo. Um amigo que sempre estará ao seu lado, acompanhando-as em todos os lugares e que não necessita de tomada para ser conectado ou bateria para recarregar. Ele estará sempre lá, a sua disposição, para partilhar com elas suas alegrias e tristezas.

Mesmo depois de mais de vinte anos dedicados à leitura e literatura, ainda vejo como um livro pode fazer a diferença na vida do ser humano. O livro transforma, agrega conhecimento, auxilia no nosso desenvolvimento intelectual, cultura e social, bem como na construção de nossa identidade e memória. E quando me deparo olhando para trás, vejo quando esta caminhada começou e sinto uma imensa alegria. Uma alegria por saber que fiz parte da



FOTO: DIVULGAÇÃO FCB

ças de histórias lidas em sua infância pelos pais, avós ou até mesmo na escola. Este é o primeiro passo para se tornarem leitores da biblioteca e regularmente emprestem livros dos mais diversos gêneros literários. Com a Hora da Leitura, o maior público são as crianças que, em sua maioria vêm com as escolas ou Centros de Educação Infantil que agendam para ter este momento de inserção literária. Muitos destes pequeninos, após este primeiro contato com a leitura e a Biblioteca, acabam voltando e trazendo seus pais e familiares consigo e, ambos se tornam leitores assíduos. Não são raros os relatos de pais que dizem que seus filhos exigem ouvir histórias antes de dormir e que através deste contato com a literatura também foi capaz de transformar a relação entre pais e filhos. Mas como trabalhar com a leitura é uma caixinha mágica, eis que após todos estes anos à frente da Biblioteca Ambulante e da Hora da Leitura na Biblioteca Municipal, surge uma nova oportunidade de ampliar ainda mais a minha experiência como mediadora e, atualmente também passo a atender semanalmente, aos sábados à tarde, uma livraria na cidade que oferece a Hora do Conto aos filhos de seus clientes. Um público que aos poucos foi se tornando cativo e, que transformou este momento na livraria, um momento de interação e lazer familiar; uma vez que além dos pequeninos, muitos pais também se emocionam com as histórias que leio.

Atender a esses públicos tão distintos e especiais, separados apenas pela idade, me faz refletir sobre a importância da leitura na vida das pessoas e como ela pode mudar a vida de cada um. Nas crianças sinto e vejo uma grande sede em busca do saber, de experimentar o novo, o desconhecido, de aventurar-se sem medo e se sentir valorizada. Vivemos mergulhados

em uma vida e história de inúmeras crianças e que através da minha leitura pude fazer a diferença. Crianças que hoje são adultos. Adultos que me relatam suas histórias de quando

“

Mesmo depois de mais de vinte anos dedicados à leitura e literatura, ainda vejo como um livro pode fazer a diferença na vida do ser humano. O livro transforma, agrega conhecimento, auxilia no nosso desenvolvimento intelectual, cultura e social, bem como na construção de nossa identidade e memória. E quando me deparo olhando para trás, vejo quando esta caminhada começou e sinto uma imensa alegria.

ando cultura, lazer, informação, conhecimento e abrindo as portas para todos que faziam, fazem e farão parte desta história escrita dia após dia.

eram atendidos pela Biblioteca Ambulante, lembrando inclusive da velha Kombi azul, dos livros, do cheiro destes livros e da imensa alegria que sentiam toda vez que ela chegava. Muitos, inclusive, pais de crianças que hoje também são atendidas pela Biblioteca Ambulante. São nestes momentos que vejo o quanto foi importante na vida dessas pessoas. São relatos que me emocionam muito, pois não são poucos aqueles que me param e dizem que o primeiro livro que leram na vida foi entregue por minhas mãos. Outras são leitores assíduos e há ainda aqueles que após o período escolar e a intensa rotina do trabalho tiveram que deixar a leitura um pouco de lado, mas que sabem da importância da Biblioteca Ambulante na vida deles. Todos trazem em suas lembranças os bons momentos passados ao lado de cada livro que a velha Kombi azul trazia para eles. Tal como acontecia naquela época, hoje a Biblioteca Ambulante continua seme-

NOTA INSPIRADA NA REFORMA TRABALHISTA

O que as mudanças trazidas pela nova legislação trabalhista brasileira poderão representar para as condições de trabalho?

POR HOYÉDO NUNES LINS

Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC <hoyedo.lins@ufsc.br>

Por razões não fortuitas, as relações de trabalho pertencem ao grupo dos assuntos recorrentemente explorados no debate socioeconômico e político, com repercussões em diferentes esferas. Esse destaque é observado internacionalmente, e o Brasil não figura à margem de tal tendência.

Sem recuar muito no tempo, vale assinalar que o tema ganhou especial interesse no bojo da chamada revolução da microeletrônica, a partir dos anos 70. Nesse contexto, a produção industrial logrou avanço em flexibilidade que, favorecendo respostas ágeis das empresas à volatilidade de mercados crescentemente seletivos, atingiu fortemente as relações entre estas e os trabalhadores.

A terceirização produtiva, por exemplo, disseminou-se e adquiriu vigor em diferentes setores, resultando, muitas vezes, em substituição de vínculos empregatícios por situações mercedoras do termo “precarização”. As mudanças também envolveram expansão da informalidade, do trabalho de tempo parcial e dos empregos temporários, inclusive estimulando a mobilidade internacional dos trabalhadores, do que dão conta abordagens sobre a União Europeia, especialmente.

A rigor, o que se nota nas últimas décadas é uma grande ofensiva, quase uma maré montante, no sentido da transformação nas condições de trabalho com vistas à redução de custos e à maior produtividade e competitividade nas empresas. Quando as resistências se intensificaram e cresceram em estridência e ativismo, a busca por mercados de trabalho externos revelou-se estratégica, com resultados nas relações que atingiram extremos como os testemunhados na indústria do vestuário em Bangladesh, Indonésia, El Salvador e Haiti, entre outros.

Incrustado no amplo processo de mudanças na relação padrão de emprego, ganhou recentemente terreno, em diferentes países e atividades, o sistema assimilado à ideia de “uberização” do trabalho. Representando

um salto vertiginoso na terceirização e na flexibilização, esse modelo faz do trabalhador quase um “empresário de si mesmo”, com aura de liberdade (em termos de horário ou nível de engajamento), porém sob novas lógicas quanto à subordinação às empresas, entre outros aspectos.

A reforma trabalhista ora em apreciação no Parlamento brasileiro há de ser considerada nesse contexto mais geral de investidas em direção a uma maior flexibilidade das relações de trabalho. O discurso oficial ressalta, em particular, ser urgente a necessidade de modernizar legislação criada em meio a condições velhas de sete décadas, produzindo, em consequência, a “aclimação” *comme il faut* dos dispositivos de regulamentação.

A proposta é abrangente, e não se pretende apresentá-la ou discuti-la neste breve texto. Cabe assinalar, contudo, que as mudanças pretendidas ampliam o espaço das negociações entre empresas e trabalhadores sobre questões envolvendo, entre outros aspectos: planos de cargos, salários e funções; jornada de trabalho (prevendo o caráter parcial, inclusive recobrindo o problema das horas extras, e tratando da relação entre jornadas de 12 horas intercaladas com 36 horas para descanso); trabalho intermitente; parcelamento das férias; rescisão de contrato; insalubridade.

Pode-se dizer que, uma vez introduzidas, as mudanças contempladas teriam o sentido de continuidade e apro-

fundamento, sob uma nova legislação, das transformações na realidade do trabalho vivenciadas no Brasil desde, pelo menos, os anos 90, especialmente no setor industrial. Com efeito, as alterações de marco regulatório no país naquela década, afetando a atuação do Estado e abrindo o mercado interno à maior concorrência de produtos importados, ressoaram nas condições de concorrência e impuseram reestruturação produtiva em diferentes setores. Esse processo mostrou-se intenso em várias regiões do país que registram presença industrial importante.

No catarinense Vale do Itajaí, por exemplo, sinônimo de histórico e amplamente reconhecido dinamismo têxtil-vestuarista, a reestruturação produtiva (que foi também organizacional em vários aspectos) rimou com modernização/atualização dos aparatos fabris de diversas empresas, fruto, inclusive, das melhores possibilidades para importações de máquinas e equipamentos, por conta da âncora cambial do Plano Real. Mas a reestruturação representou, igualmente, redução dos contingentes diretamente empregados e intensificação das transferências de funções produtivas para capacidades de trabalho externas às empresas.

Não raramente, trabalhadores foram dispensados e estimulados a criar estruturas aptas a canalizar tarefas antes realizadas no interior das empresas. Assim, costureiras demitidas passaram a “fechar” peças de vestuário, que recebiam cortadas, na condição de integrantes de cooperativas de trabalhadoras, amargando a substituição do salário e do usufruto dos benefícios outorgados pela relação padrão de emprego pela remuneração correspondente a serviços prestados. No mesmo diapasão, teria crescido a (histórica) prática do trabalho em domicílio, na qual costumam se mostrar tênues os limites do trabalho voltado à produção para as empresas e aquele de cunho doméstico/familiar, pela costumeira interpenetração dos tempos despendidos e dos ambientes utilizados.

Os problemas para trabalhadores nessas condições não são escassos, inclusive porque o trabalho assim efetuado revela-se crivado de incerteza e insegurança. Por exemplo, em períodos de aquecimento do mercado, as empresas mobilizam esses contingentes externos, transferindo-lhes atividades; quando ocorre desaquecimento, elas podem “repatriar” funções, uma flexibilidade em meio à qual os trabalhadores implicados tornam-se praticamente reféns dos humores do mercado, e as empresas os utilizam para amortecer os efeitos das circunstâncias.

O que as mudanças trazidas pela nova legislação trabalhista brasileira poderão representar para as condições de trabalho em ambientes assim caracterizados? Posições favoráveis à reforma salientam resultados na geração de empregos, sob o argumento de que as empresas seriam estimuladas a investir devido à maior flexibilidade nos vínculos e aos menores custos. Em conjuntura de elevada taxa de desemprego, como a que vigora no Brasil atualmente, essa possibilidade se reveste de inegável sedução.

Todavia, são diversos os fatores que afetam os investimentos. O próprio ambiente geral para negócios exerce, via de regra, grande influência, para não falar das condições de infraestrutura e logística e, especialmente, de balizadores tão importantes como a taxa de juros e a taxa de câmbio, entre outros aspectos. Assim, os efeitos das mudanças trabalhistas na geração de empregos, se ocorrerem, dependerão de transformações em outros âmbitos, e florescerão, talvez, somente no médio ou no longo prazo.

De todo modo, a questão das mudanças no trabalho é tema que interpela os trabalhadores, quanto à capacidade para discutir sua própria situação, dialogar e marcar posição com protagonismo na interlocução social. Igualmente interpeladas são a academia e outras esferas de produção e disseminação de conhecimento sobre a realidade social, econômica e política, devendo as diferentes áreas de conhecimento nas ciências da sociedade – Economia, Sociologia, Direito, entre outras – representar instâncias de efetiva contribuição ao debate e à promoção de iniciativas.

“

A rigor, o que se nota nas últimas décadas é uma grande ofensiva, quase uma maré montante, no sentido da transformação nas condições de trabalho com vistas à redução de custos e à maior produtividade e competitividade nas empresas[...]. A reforma trabalhista ora em apreciação no Parlamento brasileiro há de ser considerada nesse contexto mais geral de investidas em direção a uma maior flexibilidade das relações de trabalho.



TRIUNVIRATO

O BRASIL QUE DESEJAMOS

Um historiador francês muito famoso, chamado Fernand Braudel (1902-1985), que teve seu início de carreira como professor universitário no Brasil, dizia que o Tempo poderia ser decomposto em três aspectos: 1) haveria, em primeiro lugar, o que ele chamou de Tempo da Longa Duração, que diz respeito a uma tempo quase geográfico, estrutural, de milhares de anos, séculos, que praticamente se eterniza, que dura e perdura; 2) haveria também o Tempo da Média Duração, que é o tempo da conjuntura, das décadas, aquele tempo que conseguimos observar suas lentas mudanças; e, por fim: 3) o Tempo da Curta Duração, que diz respeito aos acontecimentos, o aqui-agora, o tempo do imediato e do presente que sucede o outro presente.

Numa imagem metafórica desses três tempos descritos, poderíamos aludir que o Tempo da Longa Duração seria o oceano, algo quase imutável, aquele tapete de mar que se estende a perder da vista. Já a Média Duração poderia ser as ondas desse mar. Ondas que se formam, apresentam uma evolução e depois se desmancham na praia. E neste quebrar das ondas, estaria o Tempo da Curta Duração, isto é, o tempo do corriqueiro, dos fatos do dia-a-dia, do desenrolar do cotidiano, dos dias das semanas, do borbulho vivo e impactante que vem com a novidade e com o acontecimento.

Escrever sobre a crise política brasileira guarda, em alguma medida, relação com esses três tempos históricos descritos por Braudel. Numa apropriação, certamente com uma boa dose de licença, poderíamos indicar que há algo na história do Brasil que persiste por séculos, que quase não muda. Trata-se daquilo que o filósofo nacionalista Álvaro Vieira Pinto (1909 – 1987) ressaltou como parte da desorganização do território brasileiro, que desde sempre foi pensado como um grande espaço de produção-exportação. O Brasil inseriu-se (e ainda se insere) no sistema-mundo através da exportação, sendo que sua dimensão de colônia persiste através das figuras da Casa Grande & Senzala.

Já o Tempo da Média Duração poderia ser observado na evolução política nacional, com o fim da Ditadura Militar e a formação dos partidos políticos no contexto da redemocratização, suas plataformas, os governos eleitos e seus programas. Dessa Média Duração, desembocamos no Tempo da Curta Duração, marcado por essa crise política que aí está, e que é o burburinho, que muda de acordo com a onda que quebra. Por exemplo, os setores que saíram as ruas de verde-amarelo, seguidores do famigerado pato da Fiesp e insuflados pela mídia comercial, por movimentos fabricados (como MBL, Vem pra Rua e Revoltados On-Line) provavelmente não imaginavam que seu presidente derrotado nas urnas, Aécio Neves, viveria seu inferno astral, com pedido de prisão e com seu capital político severamente abalado (mas hoje, sob o silêncio constrangedor das panelas, de volta a sua condição de senador).

Assim é o tempo da curta duração: ele é bastante confuso, pois pode mudar de sabor de um dia para o outro, e é de difícil previsão. Uma denúncia, uma prova, uma delação, atualmente, podem mudar o rumo dos acontecimentos. Muita gente que confiava cegamente no juiz Sergio Moro, por exemplo, ficou com vergonha de apoiá-lo nas redes sociais quando se deu conta das inúmeras fotos que esse juiz tinha ao lado de políticos tucanos de alta plumagem: Moro ao lado de Doria, Moro ao lado de José Serra, Moro rindo e cochichando no ouvido de Aécio Neves. Muitos ficaram constrangidos com as fotos, que falam por si, e deixaram de apoiar, ao menos publicamente, o juiz de Curitiba.

Ainda não sabemos muito bem o que irá acontecer com o Brasil em 2018. A seletividade da justiça se fará para Lula ser preso ou ele será novamente presidente,

carregado nos braços do povo? Caso Lula não possa ser candidato, é possível lançar Haddad? E Ciro Gomes? Ele é um nome viável? Bolsonaro, com seu radicalismo de extrema-direita, terá alguma chance de promover uma agenda mais segregacionista em um país com dificuldades em combater preconceitos? E o PSDB? Parece que havia uma aposta em Doria, mas após o aumento de sua rejeição à frente da prefeitura de São Paulo, os tucanos insistirão novamente com Alckmin? E Marina Silva? Sobre Marina, já existe até uma piada que circula na Internet, que a compara com a herpes, isto é, toda vez que a imunidade da democracia abaixa, ela aparece!

A questão é que muitas dessas perguntas apenas indicam o tamanho do buraco que nos metemos. Mas para além disso, entretanto, existe um país e seus habitantes, um país enorme, com diferenças regionais que foram historicamente construídas, na maioria dos casos por ausência de planejamento e poder do Estado. Há jovens e seus sonhos, há pessoas que trabalharam a vida inteira e querem uma aposentadoria digna (mas hoje, cada dia mais distante). É, fundamentalmente, há tudo aquilo que não fizemos: não taxamos as grandes fortunas, não fizemos a Reforma Política e nem promovemos a democratização da mídia, a qual continua concentrada na mão de poucas e ricas famílias do país.

Que país teremos pela frente? Que Brasil queremos, que Brasil desejamos? Um dia, a crise política vai passar ou diminuir bastante sua intensidade, mas as grandes questões irão continuar. A espuma do mar dos acontecimentos fará menos barulho, as ondas serão menos agressivas ou imprevisíveis, mas o oceano que separa o Brasil desenvolvido e rico do Brasil informal, pobre e sedento por melhorias, continuará. E é esse Brasil profundo que temos que encarar de frente, para além dos barulhos das ondas, das crises e dos interesses mais imediatos.

O Brasil precisa encarar suas feridas e buscar saná-las. Além disso, parte da população do país precisa aprender, de uma vez por todas, que não há salvação fora da política e fora da democracia popular. Nosso desafio está em repactuar um novo projeto de desenvolvimento, que seja sustentável e onde o Estado continue cuidando daqueles que precisam de cuidados (e não se torne mínimo como querem alguns). Um Estado socializante, mas que ao mesmo tempo incentive um capitalismo produtivo (e não especulativo), com distribuição de renda, apoio à agricultura familiar, aos projetos ecológicos, educativos e com maior respeito aos povos nativos e seus territórios.

Precisamos de um país menos norte-americanizado, e portanto mais aberto aos seus irmãos latino-americanos, aos seus grandes artistas, ao cinema nacional e também a sua rica diversidade cultural. Afinal, o Brasil que desejamos não pode morrer na praia, desiludido ou afogado no mar de lama.

“

Que país teremos pela frente? Que Brasil queremos, que Brasil desejamos? Um dia, a crise política vai passar ou diminuir bastante sua intensidade, mas as grandes questões irão continuar. A espuma do mar dos acontecimentos fará menos barulho, as ondas serão menos agressivas ou imprevisíveis, mas o oceano que separa o Brasil desenvolvido e rico do Brasil informal, pobre e sedento por melhorias, continuará.

CURTAS

FÓRUM CATARINENSE DE ARBORIZAÇÃO URBANA OCORRE EM OUTUBRO

O 1º Fórum Catarinense de Arborização Urbana será no dia 23 de outubro, como parte do III Encontro da Regional Sul da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, este ano com o tema “cenários e perspectivas”. O evento acontecerá no campus da UFSC em Curitiba, no Centro de Ciências, Rod. Ulysses Gaboardi, km 03. O evento conta com oficinas de Manejo de Árvores Urbanas e a 3ª Semana Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Catarina, e é parte da agenda da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, SBAU. O encontro irá integrar a Arboricultura no Sul do Brasil e o curso de Engenharia Florestal da UFSC por meio dos seus docentes e discentes na organização do evento no Campus Universitário Curitiba/UFSC, nesse ano pela primeira vez à frente da organização do evento. As inscrições poderão ser realizadas através do preenchimento do Formulário online e pagamento do boleto bancário. Mais informações em <http://iiersau.curitibanos.ufsc.br/>

SINTE QUESTIONA CONCURSO DE PROFESSORES DO ESTADO

Em 14 de agosto, a Secretaria da Educação de Santa Catarina abre inscrições para concurso o ingresso de professores efetivos na rede estadual de ensino. O SINTE/SC - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina questiona o número de vagas na nota CONCURSO PÚBLICO DO MAGISTÉRIO: A FARSA DISFARÇADA. O objetivo do processo é fazer 1 mil contratações, destas 600 serão destinadas a professores do ensino regular, que seria o fundamental e médio, educação indígena e para os Centros de Educação Profissional (CEDUPs). As outras 400 vagas serão para cargos administrativos, sendo administradores, assistentes educacionais, supervisores escolares e orientadores educacionais. O SINTE, no entanto, diz que este número está muito aquém das necessidades da rede, que possui cerca de 20 mil ACTS (regime temporário). “Ao planejar a abertura de 600 vagas, o governo está ampliando em apenas 3% o número de professores efetivos. Deve-se questionar em que medida uma ampliação na ordem de 3% do quadro efetivo representa melhoria quanto à defasagem de efetivos, já que 52% dos professores são contratados em regime temporário, um total de 20.959 em abril, segundo o Tribunal de Contas do Estado – TCE e 21.904, em junho, de acordo com a SED”, expõe a nota. A validade do concurso é de dois anos, podendo ser possível mais dois anos de prorrogação. As provas serão feitas em 8 de outubro e os resultados divulgados em 5 de dezembro. Para mais informações, acesse www.sed.sc.gov.br/ e para a posição do SINTE, acesse <http://sinte-sc.org.br/>

WMM

**13º MUNDOS DE MULHERES
& FAZENDO GÊNERO 11**
TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS

FLORIANÓPOLIS RECEBE MAIS DE 8 MIL PESSOAS PARA EVENTO MUNDIAL QUE DISCUTE GÊNERO E FEMINISMOS

Entre os dias 30 de julho e 4 de agosto de 2017, Florianópolis sedia a 13ª edição do Congresso Mundos de Mulheres (Women's Worlds Congress), evento conjunto com o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, organizado pelo Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Congresso, que já aconteceu em Israel, Holanda, Irlanda, Estados Unidos, Costa Rica, Austrália, Noruega, Uganda, Coreia, Espanha, Canadá e Índia, será pela primeira vez realizado na América do Sul.

O evento, que tem como temática “Transformações, Conexões, Deslocamentos”, já conta com 8.000 pessoas inscritas e traz a proposta de ser um espaço de diálogo entre academia e ativismo entre pessoas de todas as partes do mundo sobre questões de gênero, feminismo e suas relações com “raça”/etnia, classe, nacionalidade, religião, entre outros demarcadores de diferença. A programação é composta por atividades tradicionais de eventos acadêmicos, como conferências (4), mesas-redondas (33), simpósios temáticos (160), exposição de pôsteres, oficinas (95), minicursos (17), e também por atividades organizadas em conjunto com ativistas de coletivos e movimentos sociais, como os fóruns de debate (130 intervenções), as tendas - Tenda Mundo de Mulheres, Tenda Feminista e Solidária e Tenda da Saúde -, a Marcha Mundos de Mulheres por Direitos (2/8 às 17h), e a participação de debatedoras dos movimentos feministas e de mulheres em todas as mesas-redondas. Além disso, o evento terá mais de 40 apresentações artísticas previstas para espaços diversos do campus da UFSC, sendo uma delas o show de Linn da Quebrada no dia 02 de agosto, no Auditório Garapuvu, no Centro de Eventos da UFSC, às 21h, após a Marcha Mundos de Mulheres por Direitos. Também contaremos com as presenças do Cores de Aidê, La Clínica, Elas por Elas com o pocket show Odara, entre outras apresentações cênicas, de dança e performance.

Durante o evento também acontecerá a II Exposição Arte e Gênero, a Mostra Audiovisual, a Mostra Fotográfica, os roteiros de passeios temáticos em comunidades e projetos da região de Florianópolis e as atividades do Crianças no Fazendo Gênero, que tem como objetivo trabalhar exclusivamente com as crianças que virão, junto às mães e pais, para o evento, contando com oficinas e programação cultural.

GREENPLACE ABRE ESPAÇO PARA SARAU DE POESIA

No dia 11, sexta-feira, ocorre o 2º Sarau da Green, a partir das 19h30min no Greenplace, que fica na Rua Professor Gustavo Brandes, 69 - Antiga RETEX - Garcia. O objetivo do evento é reunir poetas e músicos da cidade, além de outros artistas que queiram expor sua arte. Para participar das apresentações, o contato é pelo chat do Facebook da página do Greeplace, ou pelo Whatsapp (47) 99682-7587. Está previsto o Espaço para Poesia Livre, a Feirinha da Poesia, o Varal de Poesia, o Som na Caixa, apresentações musicais, especiarias e Skate e BMX. A entrada é gratuita. Mais informações pelo evento <https://www.facebook.com/events/179588175915324/>

A Greenplace Park se auto-define como um “empreendimento social”, surgido a partir de um “sonho” de ter um lugar onde fosse possível praticar esportes de ação, encontrar amigos, pensar a cidade, desenvolver ações e estimular a cultura coletiva. A partir desta intenção, a identidade do espaço se constituiu em um espaço de vivências esportivas e articulação de projetos áudio visuais e ações sócias culturais.





INSPIRAÇÃO



30º FITUB REÚNE 7 MIL ESPECTADORES

A 30ª edição do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau, o FITUB, recebeu 7 mil espectadores, que prestigiaram os espetáculos durante os oito dias de evento. Neste ano, iniciado em 6 de julho, o Festival trouxe vários atores de outros estados e países. Foram apresentados 12 espetáculos selecionados de 118 inscritos, cinco convidados e outros seis blumenauenses. Estiveram representados nesta edição os estados da Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, além do Distrito Federal e a vizinha Argentina. A última apresentação da edição deste ano foi em 18 de julho, já com planos para 2018.

O espetáculos, além de serem apresentados nos auditórios do Teatro Carlos Gomes, Fundação Cultural de Blumenau e Galpão de Arquitetura da FURB, também tiveram espaços em outros pontos da cidade, com o *Teatro na Escola* e *Palco Sobre Rodas*, que levaram apresentações para unidades de ensino e eventos alternativos como a Feirinha da Servidão, na rua Curt Hering e o Festival de Inverno Festinver, de Gaspar.

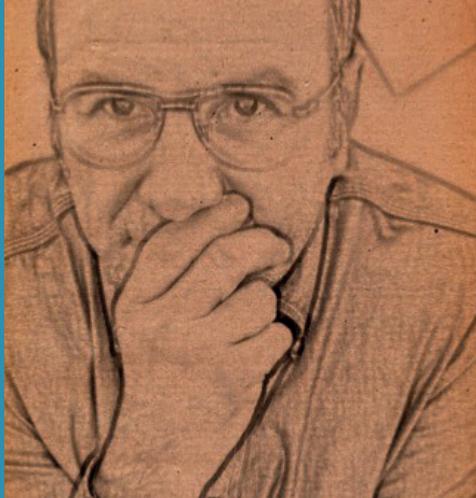
O FITUB ofereceu ainda oficinas para professores e de formação extra-curricular para atores, palestras e conversas sobre teatro, além da Mostra de Vídeo Rute Zendron.

Esta foi a primeira edição com a coordenação do professor universitário do curso de teatro da FURB Fabio Hostert. A partir deste ano, as análises dos espetáculos passaram a ser análises críticas documentadas, ao invés de somar votos para eleger destaques. Nos próximos meses, estas análises estarão disponíveis para consulta pelo site furb.br/fitub.

As fotos são de autoria do jornalista Leo Laps. Para mais imagens, acesse: www.leolaps.com



FOTOS: LEO LAPS



LADO B

BIG DATA FURB

A FURB não conhece a si mesma. Mas este, claro, não é um problema somente da FURB. A universidade brasileira, em geral, e a universidade pública, em particular, se conhecem muito mal. E quanto mais pública, menos se conhece... Em parte, isto acontece porque não consegue se conhecer; outra parte porque não sabe como se conhecer; mas a maior parte se deve mesmo à falta de interesse em se conhecer. A mistura disto é um descolamento progressivo entre universidade e sociedade brasileira. Este descolamento produz um paradoxo: a universidade está cada vez mais presente na vida das pessoas, porém, é cada vez menos necessária.

Questões simples para calibragem das atividades de ensino, pesquisa e extensão como, por exemplo: qual é a demanda efetiva de educação superior? Quais são as tendências de curto, médio e longo prazo? Qual o custo médio da formação? Como um aluno de ensino médio escolhe um curso superior? Qual é o nível de inserção profissional dos egressos? Mais precisamente, não conhecemos o perfil do aluno do ensino médio, não conhecemos o grau de satisfação dos alunos e não conhecemos a imagem que os alunos formados têm da universidade. Estamos mais preocupados com a porta de entrada da universidade do que com a porta de saída.

O desafio está, claro, em como fazer isto. O ideal seria que toda a universidade criasse um programa de monitoramento acadêmico. Um sistema de acompanhamento contínuo da trajetória pré, trans e pós-universidade: a) o aluno do ensino médio; b) o estudante atual; c) o aluno inserido no mercado de trabalho. Por um lado, isto envolve a identificação das facilidades institucionais e a formação de expertise; por outro, a abertura política institucional para incorporação destas informações no processo administrativa. Mas no Brasil o ideal está sempre muito longe do real... O ideal exige recursos e, principalmente, inteligência que o real ignora.

Porém, existem formas menos onerosas e, até mesmo, mais ágeis de aprendizado institucional. Toda organização está constantemente deixando traços sobre o seu ambiente institucional. E quanto mais complexa uma organização, maior o volume, variedade e velocidade de traços, dados e informações produzidas. Isto acontece porque a complexidade de funções estabelece interações cada vez mais especializadas. Muitas destas marcações são armazenadas em função da rotina burocrática, outras acabam se perdendo. Trata-se, portanto, de identificar, processar, analisar e disponibilizar estas informações para o desenvolvimento institucional.

Quando o aluno ingressa numa universidade e se forma, acaba produzindo informações valiosas para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, ensino e extensão. Alguns destas informações são produzidas automaticamente em função da rotina acadêmica, outras, ocasionalmente, dependendo da conjuntura. Estas informações dizem respeito tanto à escala micro, em termos de preferências e escolhas individuais; quanto ao nível macro agregado, em termos contextuais. Estas informações podem ser utilizadas tanto para aumentar a eficiência dos processos decisórios e administrativos, como também para guiar as interações como a comunidade.

A prospecção destes traços e dados para identificar e estabelecer padrões de desenvolvimento é conhecido como mineração. Os desafios de captura, curadoria, armazenamento, visualização e compartilhamento são enormes, mas precisamos aprender a

nos conhecer institucionalmente. A abundância de dados acompanhada de análises pode produzir impactos positivos. Isto quer dizer que, embora o volume de dados seja necessário, o mais importante é a capacidade técnica e política de vincular diversos conjuntos de dados uns com os outros. Unir as fontes de dados institucionais pode tornar a mediação mais fácil com um simples cartão eletrônico.

Num relatório recente *From Bricks to Clicks: The potential of data and analytics in higher education* (2016) a *Higher Education Commission* da Inglaterra explora os dilemas e potencialidades do Big Data. Assinala que o volume, variedade e velocidade dos dados vêm impulsionando profundas mudanças em todos os aspectos da atividade acadêmica. Neste sentido, o relatório aponta dois tipos de dados principais: a) Traços fixos: registros básicos coletados pela rotina burocrática acadêmica (nomes, endereços, notas, etc.); b) Traços fluidos: pegadas digitais deixadas na universidade por telefones, computadores e outros dispositivos.

O caso da FURB não é diferente. Por exemplo, um aluno ou servidor ao entrar e sair da FURB produz sistematicamente informações: a) Traços fixos: dados administrativos, pesquisa acadêmica, dos campus, dos servidores, financeiros, etc.; b) Traços fluidos: como horários de login, cliques de página, downloads, período de tempo visitado e comentários feitos, etc. Uma infinidade de traços são produzidos de forma contínua, periódica ou ocasional que são subutilizados. Estas marcações não são novas em si mesmas, e sempre foram utilizadas para tomada de decisão. A novidade está no valor dos dados não estruturados que geramos com a expansão dos sistemas digitais.

Trata-se de um repositório gigantesco de dados que pode ser convertido em informações fundamentais para interação com a comunidade do Vale do Itajaí. Os padrões de interações se tornam mais diretos e mais ágeis e, conseqüentemente, estabelecem uma mediação mais amigável do usuário com a FURB. O Big Data FURB pode melhorar a inteligência institucional e potencializar a capacidade de realizar análises, previsões e decisões. Trata-se, portanto, de três desafios principais: 1) compartilhamento e colaboração institucional; 2) foco no aprendizado do estudante; 3) e, sobretudo, práticas e uso ético dos dados.

Este é um capital organizacional que vem sendo subutilizado na FURB. O capital organizacional diz respeito à capacidade de monitoramento e aprendizado. Mais precisamente, o conhecimento do subconjunto formado pelas normas, informações, redes e sinergias criadas pelos fluxos de interações internas e externas. Estes ativos são passíveis de serem identificados, são difíceis de serem mesuráveis. Trata-se de entender melhor a forma como a sociedade do Vale do Itajaí interage com a FURB: saber melhor quem somos para desempenhar melhor o que fazemos. Afinal, quanto maior o capital organizacional, maior a resiliência institucional.

Como toda a universidade brasileira, também a FURB encontra-se num momento de mudança e incerteza. Para além das questões crônicas do aumento da burocracia e da diminuição do financiamento, a FURB enfrenta dois desafios: por um lado, aumentar o foco sobre o estudante; por outro, acompanhar a formação on-line. No entanto, é importante reconhecer que a criação de uma nova plataforma é excessivamente complicada, onerosa e envolve duplicações desnecessárias. Talvez, o desafio imediato seja integrar diversas plataformas que operam separadamente. Afinal, o desafio da FURB não é simplesmente atrair mais alunos, mas também reter.

A FURB foi pioneira em muitas coisas. Este processo estava relacionado ao seu profundo enraizamento regional (*embeddedness*). A base do desenvolvimento institucional da FURB fundamentou-se numa mistura de liberdade e compromisso: Liberdade para conceber, Compromisso para desenvolver. Porém, é preciso saber usar os dados que vão sendo produzidos constantemente, para adaptar seus serviços aos usuários. Enquanto uma instituição de ensino, pesquisa e extensão tem uma baixa capacidade de aprendizado institucional. Por isto hoje a FURB se transformou numa inovação que não consegue mais se renovar.



Os desafios de captura, curadoria, armazenamento, visualização e compartilhamento são enormes, mas precisamos aprender a nos conhecer institucionalmente. A abundância de dados acompanhada de análises pode produzir impactos positivos pode ser reduzida. Isto quer dizer que, embora o volume de dados seja necessário, o mais importante é a capacidade técnica e política de vincular diversos conjuntos de dados uns com os outros.